

*São.
Francisco
de Salles
Fioretti*

GILLES JEANGUENIN

*São.
Francisco
de Salles
Fioretti*

Pequena história de um homem
que acreditava no amor

Tradução
D. Hilário Moser



Título da obra original: *I Fioretti di San Francesco di Sales*
© 2008 Piero Gribaudo Editore srl
Via C. Baroni, 190
20142 - Milano

JEANGUENIN, Gilles

J 43 Fioretti de São Francisco de Sales
1ª ed. Editora Dom Bosco, 2014.

ISBN 978-85-7741-266

1. Vida Espiritual 2. Santos
I. Título

CDD 235.3

Todos os direitos reservados à
EDITORA DOM BOSCO
SHCS CR – Quadra 506 – Bloco B
Sala 65 – Asa Sul – 70350-525

Revisão : Zeneida Cereja da Silva
Diagramação : Helkton Gomes
Capa: Herbert Barbosa

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
Introdução	8
Siglas e abreviações	13
1. Um bispo cuja riqueza eram os pobres.....	14
2. Um pastor que evangelizava seu povo com doçura ..	26
3. Um espírito humilde que fugia das honras e das vaidades do mundo.....	35
4. Um caráter alegre que rejeitava toda tristeza e melancolia	47
5. Alguém que suportava tudo com paciência.....	59
6. Um amor ofendido que se vingava perdando.....	68
7. Um homem que fazia amizade com grandes e pequenos.....	78
8. Um santo que fazia milagres por amor dos homens e para glória de Deus.....	85
9. Um coração feito para um amor eterno.....	95
Conclusão.....	99
Datas históricas da vida de São Francisco de Sales	101
Sobre o autor	103

APRESENTAÇÃO

Francisco de Sales, máximo doutor do Amor divino e homem bom como ninguém, encontrou no Padre Gilles Jeanguenin, quase seu conterrâneo, o simpático colecionador – à distância de quatro séculos dos acontecimentos – dos pequenos fatos que, de forma excelente, nos apresentam sua fisionomia, seu caráter, sua virtude.

Folheando as páginas biográficas mais próximas da realidade do personagem, o autor recolheu o que de mais iconográfico e sugestivo poderia interessar e ao mesmo tempo “edificar” o leitor de hoje, muitas vezes arredio a textos mais comprometedores.

O estilo cativante do autor, aliás, teólogo empenhado em altos estudos e em obras de peso, permite conhecer Francisco de Sales da maneira que mais lhe convém, isto é, na simplicidade, na cordialidade, na genuinidade sapiente do homem todo de Deus e todo dos irmãos em humanidade.

Estas páginas deixarão no leitor a vontade de conhecer melhor o Santo e de aprofundar sua doutrina, tão atual quanto sugestiva, feita de conselhos simples e profundos, em vista de uma vida cristã e de uma santidade estimulante e alcançável na vivência quotidiana de qualquer época, também da nossa.

Deus seja bendito!

Ir. Maria dos Anjos
da Visitação Santa Maria de Salò (Itália).

*Na solenidade de São Francisco de Sales
24 de janeiro de 2008*

INTRODUÇÃO

“Esta guia sapientíssima das almas obtenha para nós a doce mansidão do divino Redentor, que nos ensinou a sermos mansos e humildes de coração, e como tais, a possuir a terra”.

Paulo VI, *Sabaudiae Gemma*, Roma 29.01.1967.

Queridos amigos,

Este livro, destinado a tornar conhecido São Francisco de Sales através de episódios pitorescos da sua vida, é uma novidade: de fato, segundo minhas pesquisas, nunca foi escrito um livro desse tipo. Já foram publicados os famosos *fioretti*¹ de São Francisco de Assis e de diversos outros santos, mas a singular personalidade de São Francisco de Sales nunca foi revelada através deste tipo de literatura simpática e popular.

Desejando colmar essa lacuna, decidi dedicar-me a este projeto, e confesso ter provado alegria e gratificação pelo benefício espiritual que dele pude haurir. Na figura original de São Francisco de Sales descobri um insigne mestre de vida espiritual e pastor de almas, cuja doutrina influenciou todo o século dezessete da Europa, bem como o autor de ensinamentos que ainda hoje, nos inícios do terceiro milênio, se apresentam atuais e portadores de riquezas inimagináveis.

¹ A opção de usar a palavra *Fioretti*, em italiano, foi por não ter sido encontrada, em português, uma palavra correspondente; porém, para o melhor entendimento, sugerimos como sinônimo: “fatos graciosos” (N.E.)

Francisco é bem diferente de outras personalidades religiosas e públicas do seu tempo: de fato, onde reinavam a grosseria nos modos, tensões políticas e guerras de religião, emergiu, como um oásis de paz, a pessoa alegre de São Francisco de Sales, cuja mansidão deixava admirados, curiosos, edificadas, fascinados ou... escandalizados alguns dos seus concidadãos.

A situação político-social da época em que ele viveu, de fato, favorecia comportamentos belicosos e arrogantes, mais do que inspirados na mansidão. Na relevante personalidade do bispo de Genebra, até mesmo o pior dos homens descobria um coração paterno que sabia amar, compreender e perdoar.

Algumas pessoas repreendiam o santo bispo por julgá-lo bondoso demais e excessivamente conciliador. Sua resposta era que “as pessoas são movidas mais pelo amor e pela caridade do que pela severidade e pelo rigor, e que sempre teve que se arrepender pelas pouquíssimas vezes que recorreu a palavras mais duras”. Atitudes de mansidão e misericórdia para com o próximo não significavam fraqueza ou bonacheirice, pelo contrário, demonstravam fortaleza de ânimo e domínio de si.

Embora se mantivesse habitualmente calmo e sereno, era capaz de cóleras improvisas e terríveis, mas conseguia dominar os ímpetus do próprio temperamento por meio de uma prática constante da humildade e da paciência. Ele mesmo o testemunha em suas *Obras*. A alguém que se mostrava surpreso pela sua calma diante de um mendigo insistente e mal-educado, que o ameaçava de fazer perder a paciência, ele disse: “Quer que em poucos minutos eu perca o pouco

de mansidão que conquistei em vinte ao preço de tantas fadigas?”. Mais tarde confessará: “Fiz um pacto com a minha língua de não dizer nem mesmo uma palavra em momentos de cólera. Por graça de Deus tive a força de controlar a paixão da cólera, à qual me sinto inclinado por natureza”².

À doutrina da predestinação e do rigorismo jansenista, São Francisco opunha um otimismo inabalável: de fato, ele sempre acentuava a bondade e a misericórdia de Deus para com os pecadores e insistia para que todos se comportassem da mesma forma com os próprios semelhantes. Embora confiasse plenamente em Deus, não deixava de levar em conta o que há de bom e positivo no ser humano em si mesmo e nos recursos da natureza humana. Do infinito amor de Deus pelas suas criaturas, São Francisco hauria aquela visão positiva e construtiva do homem, e a mansidão que fascinava todos os que o conheciam.

Pastor e mestre de vida espiritual, Francisco aconselhava, animava e instruía, servindo-se da sua profunda experiência humana e espiritual, aqueles que se entregavam à sua orientação. Todavia, quando era necessário corrigi-los por causa de algum defeito, fazia-o com tanto amor e tal delicadeza que jamais alguém se disse ofendido ou humilhado por suas palavras. Ao conduzir as almas pelos caminhos da santidade, Francisco compreendia qualquer situação, respeitava a personalidade de cada um e nunca impunha aos outros a própria maneira de ver as coisas. De fato, várias vezes recomendou a Joana de Chantal, uma das suas filhas espirituais mais queridas, que não se angustiasse, caso não conseguisse pôr em prática tudo o que lhe aconselhava por

² Cf. Lajeunie E.J., *S. François de Sales, l'homme, la pensée, l'action*, Ed. Guy Victor, Paris 1966, II, p. 119.

carta. Pelo contrário, convidava-a a seguir as inspirações do Espírito Santo e a obedecer antes a Deus do que a ele³.

Sua profunda humanidade, a intensa vida interior e a pedagogia do amor fizeram de Francisco um grande educador do coração humano. Também seu estilo ao escrever em nada se parecia com o estilo redundante e acadêmico da época. Na *Introdução à vida devota (Filoteia)*, por exemplo, o autor mantém um tom de conversa familiar e o seu discurso flui límpido e rico de episódios práticos. Quando o bispo de Genebra explicava a doutrina da Igreja, tudo se tornava mais simples e compreensível para todos. Ele conhecia muito bem as necessidades e as expectativas dos seus contemporâneos e lhes oferecia respostas palpitantes de vida, de fé, de entusiasmo e cordialidade. Em outras palavras: era o seu coração que falava!

Doutor do amor divino, Francisco de Sales ensinou que todos são chamados a viver uma intensa vida espiritual, seja qual for a sua situação ou a sua profissão, pois “a Igreja é um jardim de variadíssimas flores: há de tamanhos, cores e perfumes diferentes, enfim, de perfeições diversas. Dado que todas elas têm seu valor, sua graça e seu esplendor, juntando-as, formam um ramalhete perfeito e de agradável beleza”⁴.

Finalmente, Francisco era realmente um *santo*! De fato, a santidade da sua vida se resume no amor ardente e extraordinário para com Deus e com os próprios irmãos. Joana de Chantal, no processo de beatificação em 1627, afirmou: “Entre o povo, o nosso bem-aventurado bispo era a verdadeira imagem de Nosso Senhor convivendo com os

³ Lajeunie E.J., op. cit., XII, pp. 351-371.

⁴ *Traité de l'amour de Dieu*, em *Oeuvres Complètes*, IV, p. 111.

homens”⁵. Idêntico testemunho deu-o São Vicente de Paulo (1581-1660): “Repassando na minha mente as palavras do servo de Deus, sinto tal admiração, que vejo nele o homem que melhor reproduziu a pessoa do Filho de Deus vivendo na terra”⁶. Não se pode dar melhor testemunho da verdade do que por meio desta admirável afirmação. São Francisco de Sales, sem dúvida, é a pessoa que melhor do que todos imitou o divino Mestre em seu jeito humilde e doce de conviver com as pessoas.

Não é minha intenção escrever uma biografia de São Francisco de Sales, mas simplesmente fazê-lo conhecer e amar através dos seus *Fioretti*. Este florilégio dos fatos mais graciosos da vida do santo se apresenta como uma coletânea episódica, rigorosamente documentada, que nos ajudará a descobrir a personalidade daquele que Paulo VI não hesitou em definir: “Uma das maiores figuras da Igreja e da história”⁷.

Divertidos, mas sempre repletos de ensinamentos, estes breves relatos anedóticos certamente ajudarão a descobrir o espírito aberto e alegre de São Francisco e a querer imitar sua mansidão como meio seguro de alcançar a perfeita caridade.

Desejo a todos uma boa leitura, esperando que estas páginas deixem na sua vida e no seu coração a marca do otimismo tipicamente salesiano.

P. Gilles Jeanguenin

⁵ Cf. *L'âme de saint François de Sales révélée par sainte Jeanne de Chantal*, J. Abry, Annecy 1922, pp. 1156-117.

⁶ Saint Vincent de Paul, *Correspondance. Entretien. Documents*, Paris 1921-1923, XIII, p. 72.

⁷ Paulo VI, *Angelus*, 29 de janeiro de 1967.

SIGLAS E ABREVIACÕES

- AS:** *Année Sainte des Religieuses de la Visitation Sainte Marie*, 12 vol., Ed. Ch. Burdet, Annecy, 1867-1871.
- B:** Barberis G., *Vita di San Francesco di Sales*, vol. II, S.E.I., Turim, 1919.
- C-A:** *Histoire du Bienhereux François de Sales*, par son neveu Charles Auguste de Sales, Vivès, réédité em 1879.
- H:** Hamon M., *Vie de Saint François de Sales*, Lecoffre, 1909.
- H-C:** Henry-Coüannier M., *Saint Francois de Sales et ses amitiés*, Ed. Monastère de la Visitation, Parias, 1979.
- L:** Lajeunie E.-M., *La spiritualità di San Francesco di Sales*, LDC, Turim, 1967.
- O:** *Oeuvres de Saint François de Sales*, 27 vol., Ed. Niérat, Annecy, 1892-1964.
- P1:** Premier Procès rémissorial d'Annecy.
- RG:** *Saint François de Sales peint par les dames de la Visitation, ses contemporaines*, (manuscrito da Ir. Rosalie Greffier), Ed. Delorme, Lyon, 1840.
- T:** Trochu F., *Saint François de Sales*, t. II, Vitte, Lyon-Paris, 1946.

1

UM BISPO CUJA RIQUEZA ERAM OS POBRES

Francisco de Sales costumava dar esmola a todos os pobres que a pediam. Aos indigentes distribuía pão, sopa, legumes, remédios, roupas e dinheiro; uma vez chegou a dar os próprios sapatos que usava no momento⁸.

O bispo de Genebra⁹ cuidava dos pobres e das viúvas; levava doces aos presos; hospedava os religiosos e os sacerdotes pobres que iam a Annecy¹⁰. Preocupava-se com que “fossem bem tratados e dignamente servidos”; mantinha economicamente o convento dos capuchinhos e o das clarissas; duas vezes por semana distribuía esmola a todos os necessitados que vinham bater à sua porta. Diante de tanta generosidade, seus amigos consideravam “quase um milagre” que o bispo pudesse cobrir sozinho todas as despesas. De fato, ele sabia viver com simplicidade e se contentava com o que lhe sobrava: “Os meus bocados são bem pequenos, dizia brincando, mas os apóstolos tinham ainda menos do que eu”¹¹.

⁸ Depoimento de Martin Berrot: *PI*, 27.

⁹ Seu título completo era: *Bispo e Príncipe de Genebra*.

¹⁰ Francisco de Sales foi o sexto bispo de Genebra, com residência em Annecy, porque os calvinistas tinham implantado a religião protestante em Genebra e em outras localidades, como o Chablais (região montanhosa situada ao Norte da Saboia).

¹¹ Cf. *H*, p. 459. - Cf. *L*, p. 93.

Às vezes, porém, acontecia que também ele ficasse sem um centavo no bolso; nada, porém, impedia que deixasse a caridade para com o próximo. Um dia, deu a um sacerdote pobre dois candelabros de prata; no dia seguinte ofereceu as galhetas de prata. Cada vez que o ecônomo Jorge Rolland descobria o desaparecimento de algum objeto de valor, irritava-se com o generoso benfeitor e lhe dizia: “Se o senhor quiser continuar desse jeito, acabará por nos levar a todos a dormir no chão”¹². Para justificar a doação das galhetas de prata, o santo bispo, sorrindo, respondeu ao ecônomo: “Na missa é mais prático usar as galhetas de vidro, pois com elas a gente não confunde a galheta da água com a do vinho”¹³.

O bispo de Genebra ia pessoalmente visitar os pobres e os doentes, e lhes dava tudo, até mesmo o que ele não tinha e que, nesse caso, tomava emprestado; para atender suas necessidades, não teve dúvidas em privar-se até mesmo das próprias roupas. Por fim, dado que lhe tinham restado somente algumas peças velhas e remendadas, eram estas que ele usava por baixo da batina.

Um dia pediu a seu criado Germano Pilliod que desse a um pobre até mesmo uma das peças que usava por baixo da batina, mas ela estava em situação tão lastimável que o pobre, indignado, a devolveu, resmungando: “Senhor bispo, veja o que me deram!”. O bispo disse ao criado: “Procure alguma roupa melhor”, mas o criado respondeu: “De tudo o que o senhor tem, esta é a que está menos puída!”.

¹² *T*, p. 538.

¹³ Cf. *B*, IV, Cap. VII, p. 217.

Dada a grande generosidade do santo bispo, os criados tiveram que renovar todo o seu estoque de roupas e, para maior segurança, trancaram o armário à chave. Uma vez, porém, profundamente condoído ao ver um pobre particularmente indigente, o bispo foi para o quarto, tirou a camisa e a deu ao pedinte, recomendando-lhe que não dissesse nada a ninguém. Naquele dia, enfrentou o frio o dia todo, não querendo pedir a chave e importunar seu criado Rolland.

Mais do que o frio, porém, o santo bispo devia suportar pacientemente o caráter e as repreensões que Rolland lhe ministrava. Este homem tinha um temperamento brusco e facilmente perdia a paciência com o bondoso bispo, acusando-o de fazer a casa toda passar fome a fim de dar de comer aos pobres¹⁴. Francisco, porém, se divertia, exagerando um pouco o medo que o seu ecônomo lhe incutia. Um dia que Joana de Chantal procurava um papel bonito para escrever à corte de Turim, o bispo recomendou-lhe que fosse ter com Rolland, mas acrescentou: “Para que ele não fique zangado, não peça em meu nome, porque na semana passada já gastei muito dinheiro”¹⁵.

Um dia, a duquesa Cristina da Saboia presenteou o bispo de Genebra com um preciosíssimo diamante no valor de quinhentos escudos, mas ele o destinou imediatamente aos pobres, dizendo: “Isto aqui será ótimo para os nossos pobres de Annecy”¹⁶.

¹⁴ Cf. *L*, p. 93.

¹⁵ *O*, XVI, p. 141. – Depoimento do criado Germain Pilliod: *PI*, 49.

¹⁶ Cf. *Bula de canonização do Santo*.

Quando os amigos lhe recomendavam que não se aproximasse demais dos pobres com doenças repugnantes e malcheirosos, ele respondia com simplicidade: “Deixem-me fazer, o mau cheiro dos pobres é fragrância de rosas para mim”¹⁷.

Na Quinta-Feira Santa, durante o rito do lava-pés, eram pés realmente sujos, de verdadeiros pobres, que o santo bispo queria lavar: nada de simular uma lavagem! Beijava aqueles pés “com humildade, apesar de às vezes serem escamosos, pouco limpos ou até muito sujos – depôs Francisco Favre – e eu, que tinha a honra de segurar a bacia por baixo dos pés, não conseguia reter as lágrimas”¹⁸.

O padre Filiberto de Bonneville, no primeiro processo de Annecy, deu o seguinte testemunho: “O bispo de Genebra era dotado de indizível doçura, que, acompanhada por um santo zelo pelas almas, o levava a acolher os penitentes como um pai, com uma caridade visceral”¹⁹.

No processo de canonização do Santo, muitos sacerdotes e religiosos de Annecy testemunharam, sob juramento, que Francisco de Sales não somente passava longas horas confessando as pessoas que vinham procurá-lo espontaneamente, mas pedia que encaminhassem ao seu confessor todos os pobres e miseráveis, a fim de que pudesse conhecê-los e fazer-lhes o bem. Como também queria

¹⁷ Cf. *B.* IV, Cap. VII, p. 219.

¹⁸ Depoimento de F. Favre: *PI*, 30. - N. Rogeot: *PI*, 27.

¹⁹ Depoimento de Filiberto de Bonneville: *PI*, 27.

que se encaminhassem a ele os de aspecto mais miserável e repugnante, como os cobertos de chagas, de piolhos, de pulgas, porque temia que esses pobrezinhos fossem rejeitados pelos outros confessores.

“Mas então, só existe Deus e eu para amar esses pecadores? – exclamava – Querem que recuse minhas lágrimas por aqueles pelos quais Jesus derramou todo o seu sangue? Sei muito bem, sou seu bispo, mas prefiro fazer-me de mãe para eles!”²⁰.

Seu criado Pilliod testemunhou que ao confessorário de São Francisco de Sales acorriam todos os “miseráveis, repugnantes, surdos, mal-educados, malcheirosos, infectados e ulcerosos”, e esses pobres, “descartados pelos demais confessores, encontravam no seu bispo um coração paterno e repleto de amor”²¹.

A porta da casa do santo bispo estava sempre aberta para todos: nobres, pobres, jovens, velhos, miseráveis... De fato, os criados tinham ordens de acolher a todos, sem discriminação de pessoas. O pessoal de casa, porém, o advertia a respeito da “rudeza e da estupidez” daqueles pobres sem educação; ele, porém, respondia: “E nós, o que somos nós?”.

Quando os de sua casa lhe observavam que ele estava errado em suportar as moléstias daquela gente, o bondoso bispo respondia: “O que querem que eu faça? É preciso confortar os que procuram consolação”²².

²⁰ Cf. *AS*, I, p. 199.

²¹ Depoimento de G. Pilliod: *PI*, 42. - *AS*, X.

²² *T*, p. 537.

Francisco de Sales era paciente e afável com todos e em todas as circunstâncias: idêntica era a acolhida que reservava para as damas mais nobres da sociedade, como para as mulheres humildes que vinham consultá-lo.

Em 1619, em Paris, fez uma princesa da corte esperar por meia hora enquanto atendia uma pobrezinha. Embora alguns o admirassem por esses gestos de caridade, outros se escandalizavam e o criticavam por perder tempo com mulheres pobres e ignorantes. A essas críticas ele respondia com doçura, dizendo “que as conversas delas eram para ele tão preciosas quanto o são as pérolas para as grandes damas”²³.

D. Jean-Pierre Camus, bispo de Belley (França), conta que Francisco acolhia com grande delicadeza os modestos presentes que os pobres lhe ofereciam. “Era muito edificante ver com que bondade de coração aceitava um punhado de nozes ou de castanhas, de maçãs ou de ovos, ou algum queijo que as crianças e os pobres lhe ofereciam”. Levava para casa seus “presentes”, guardando-os cuidadosamente por baixo do roquete ou nos bolsos da batina²⁴.

Às vezes, o bondoso bispo aceitava ser padrinho de batismo de alguma criança, especialmente quando se tratava de dar prazer às famílias pobres que não encontravam padrinhos para o batismo de seus recém-nascidos²⁵.

²³ Cf. *L*, p. 93.

²⁴ *T*, p. 535.

²⁵ Depoimento de G. Pilliod: *PI*, 30.

Falando dos muitos gestos de caridade que o santo bispo fazia para com os doentes e os pobres, não podemos esquecer o que aconteceu durante a Quaresma de 1605 em La Roche.

Muitos indigentes, doentes e enfermos iam todos os dias pedir esmola a Francisco. Entre eles havia certo Martinho, homem de vida simples, surdo e mudo de nascença. Esse pobre homem não escapou da atenção amorosa do santo bispo. Quando, porém, descobriu que o pobrezinho não tinha recebido a devida instrução religiosa, comoveu-se e deu ordens para que seus dependentes cuidassem dele e o acolhessem na casa episcopal ao seu serviço.

O bispo assumiu para si o cuidado de instruí-lo e, enfrentando sérias dificuldades, por meio de sinais, lhe ensinou os rudimentos da fé e a maneira de frequentar os sacramentos da confissão e da comunhão²⁶.

Um amigo de Francisco, vendo-o tão empenhado na função de catequista, perguntou-lhe se não era por demais pesado ensinar o catecismo a um surdo-mudo, ao passo que teria sido mais fácil fazer-lhe a graça da audição e da fala do que da inteligência. Com um sorriso, o bispo responde que realizar todos os dias algum ato de caridade para com aquele bom homem o tornava muito feliz e que jamais lhe passara pela mente pedir a Deus esse milagre. Ele mesmo confessou o pobre surdo-mudo que, a partir de então, hospedou em sua casa. Quando o bispo se sentiu próximo da morte, o recomendou a seu irmão e sucessor, D. João Francisco de Sales, que continuou a obra caridosa já iniciada²⁷.

²⁶ Depoimento de M. Favre: *PI*, 48.

²⁷ Cf. Gallizia P.G., *Vita di san Francesco*, Veneza 1790. Cf. *AS*, p. 70.

Não por nada os surdos-mudos escolheram São Francisco de Sales como patrono²⁸.

Também da miséria espiritual se ocupava o bispo de Genebra. Um dia, ouvindo que estourara uma rixa entre pai e filho por motivos de dinheiro, mandou chamar os dois e lhes disse: “Por que estão brigando? Aqui estão meus candelabros de prata: peguem e não voltem a brigar”²⁹.

Depois, justificava seu comportamento: “É preciso tratar dos assuntos da terra com os olhos fixos no céu”³⁰.

Com que doçura o bispo abria os braços aos pecadores, aos mais miseráveis e calejados no mal! Até amigos do Santo se escandalizavam com misericórdia tão incondicionada. Quando o repreendiam por isso, dizendo que apóstatas ou almas perdidas não mereciam tanta atenção, ele respondia: “Pobre de mim! Será que só existe Deus e este seu humilde servidor para amar esses pobres pecadores? Vocês querem que eu me esqueça de que são minhas ovelhas, que recuse minhas lágrimas àqueles por quem Jesus Cristo derramou todo o seu sangue? Com quem, então, usarei de misericórdia, senão com os pecadores?... Quem gosta de severidade

²⁸ São Francisco de Sales foi declarado santo em 1665 pelo papa Alexandre VII. Na bula de canonização se diz que ele “acolhia os peregrinos e os necessitados, e que a todos ajudava indistintamente. Entre eles, havia um homem surdo-mudo, que nada tinha para se manter, mas que, na casa do bispo de Genebra, por meio de gestos e sinais (como é engenhosa a caridade!) foi educado para salvação eterna”. Cf. Bula de Canonização, Tomo XVII, MDCLXII.

²⁹ Cf. *B.*, IV, Cap. VII, p. 221.

³⁰ *Ibid.*, p. 221.

fique longe de mim, porque não quero ter nada a ver com gente assim!”³¹.

Francisco não perdia nenhuma ocasião para ajudar os pobres que vinham ter com ele. Por exemplo, antes de ir para o confessionário, embrulhava algumas moedas em papel, fazia pequenos pacotes e escrevia neles o valor correspondente. Caso o penitente estivesse passando necessidades, o bispo, discretamente, lhe entregava a soma indispensável para o momento³².

O bispo de Genebra e a baronesa Joana de Chantal, em 1610, fundaram a Ordem da Visitação Santa Maria.

Um dia, uma jovem, que depois haveria de ser a Ir. Maria Francisca, se apresentou na Visitação para fazer-se religiosa; todavia, ela não tinha o uso das pernas... Como nenhuma ordem religiosa teria recebido aquela pobre enferma, mas que Francisco queria decididamente acolher, deu estes conselhos à superiora: “Até o fim da vida meu parecer será o de que nunca se recusem na Congregação candidatas enfermas... Se a moça conseguir alimentar a caridade das que tomarão conta dela, não vejo por que impedir de recebê-la, desde que ela não seja “manca” no coração; eu quero bem a esta menina com toda a minha alma”³³.

O santo fundador queria que a Visitação acolhesse entre as candidatas à vida religiosa também as mulheres mais

³¹ *H*, II, p. 511.

³² *C-A*, I, p. 81.

³³ *O*, XVIII, p. 346. Veja também *Storia della spiritualità cristiana*, P. de Lignerolles, J.P. Meynard (c.), Gribaudi, Milão 2005.

doentias ou enfermas que, por causa da saúde fragilizada, não teriam podido aspirar a entrar para as grandes Ordens. De fato, escrevia à Madre Chantal: “Sinto-me feliz em que a senhora tenha filhas coxas, corcundas, caolhas e também cegas, contanto que tenham reta intenção; pois não deixarão de ser belas e perfeitas no paraíso”³⁴.

Vendo que o Santo acolhia na Visitação também irmãs enfermas, o povo resmungava dizendo: “Será que o bispo de Genebra pensa em construir um hospital?”. E ele respondia: “O que vocês querem? Eu estou do lado dos doentes!”³⁵.

Às Filhas da Visitação, o santo fundador dizia com firmeza: “A exclusão das doentes é absolutamente contrária ao meu espírito e aos meus sentimentos... Se algum dia se criassem dificuldades para acolher pessoas enfermas em nossas casas, eu faria um grande estardalhaço, para que compreendessem que essa atitude é contrária à minha vontade!”³⁶.

A Ir. Jacqueline Favre, acompanhada por uma coirmã³⁷, passava diante do bispado, quando Francisco – então acamado por causa de uma ferida na perna – mandou chamá-las e lhes disse: “Minhas filhas, vocês estão indo cuidar dos pobres doentes? Pois bem, aqui está um com uma ferida na perna (falava de si mesmo): por favor, estão dispostas a fazer-lhe essa caridade?”.

³⁴ *O*, XX, p. 142.

³⁵ Citação de *L*, p. 97.

³⁶ Francesco di Sales, *I Trattenimenti, Colloqui com le sue figlie*, Città Nuova, Roma 1990, App. E, 5, p. 375.

³⁷ Elas são as primeiras religiosas da Ordem da Visitação.

As duas irmãs obedeceram imediatamente. Estavam tão felizes e comovidas ao mesmo tempo, que suas mãos tremiam, enquanto o santo fundador suportava pacientemente as dores que elas, sem querer, lhe causavam. De fato, para o bispo era muito oportuna a ocasião para verificar a habilidade das mãos de suas filhas, porque ele sabia que os pobres não se queixam, mesmo quando a medicação é feita com mau jeito. Terminado o enfaixe da perna, ele disse: “Minhas filhas, ao cuidar das feridas dos pobres, segurem firmes as mãos, sem tremer, e não tenham pressa, porque, se tocarem a carne viva sem cuidado, a dor vai ser muito grande”³⁸.

Não somente ele dava esmolas, mas também ensinava aos outros o desapego dos bens terrenos e a prática da caridade para com os necessitados.

Na *Introdução à vida devota*, Francisco aconselhava: “Filoteia, tudo o que possuímos não é nosso: Deus o confiou a nós e quer que o façamos frutificar para que seja útil; se cuidarmos de tudo para o bem, o nosso serviço será aceito por Deus. Devemos ter um cuidado ainda maior e mais contínuo do que aquele que as pessoas do mundo têm pelos próprios bens. Elas se empenham somente por amor de si mesmas; ao passo que nós trabalhamos por amor de Deus [...] Comece por desfazer-se de um pouco dos seus bens, dando-os de todo coração aos pobres; dar significa empobrecer à medida que se dá, e quanto mais você doar, mais pobre será. É certo que Deus a recompensará, não

³⁸ Cf. Bourgaud, *Histoire de Sainte Chantal et des origines de la Visitation*, Poussieltguc 1886, I, p. 480. - O, XVI, p. 76. - AS, XI, p. 8.

somente no outro mundo, mas também neste; de fato, nada faz os negócios prosperarem tanto como a esmola. Claro, enquanto espera a recompensa, sentirá falta do que doou, mas é uma santa e rica pobreza aquela que a esmola provoca. Ame os pobres e a pobreza; é este amor que a tornará sinceramente pobre, pois, como diz a Escritura, nós nos tornamos semelhantes aos que amamos. O amor torna os amantes semelhantes. Quem é enfermo, e eu não sou como ele?, diz São Paulo. Poderia ter dito: Quem é pobre, e eu não sou como ele? O amor o tornava semelhante àqueles que ele amava”³⁹.

³⁹ *Introduzione alla vita devota*, III, Cap. 15, em *Filotea, Introduzione alla vita devota*, aos cuidados de Ruggero Balboni, Paoline, Milão 2006, pp. 174-175.

2

UM PASTOR QUE EVANGELIZAVA SEU POVO COM DOÇURA

“A experiência me ensinou a não ser duro com as almas difíceis quando houver alguma esperança de salvá-las por meio da doçura”.

Carta de São Francisco de Sales à Senhora De la Forest
(2.10.1609)⁴⁰.

Após as pregações do bispo de Genebra se dizia que ele “tinha feito muito bem e ao mesmo tempo muito mal: muito bem, porque suas pregações eram maravilhosas; muito mal, porque tinha tornado enfadonhos os demais pregadores!”.

Aquele que era considerado o mais douto pregador do seu tempo, o futuro cardeal Jacques David du Perron dizia: “Se se tratar de convencer os calvinistas, talvez eu consiga; mas se se tratar de convertê-los, mande-os ao bispo de Genebra”⁴¹.

Sábio conhecedor da alma humana, Francisco de Sales conhecia bem a volubilidade do ser humano, por isso

⁴⁰ O, XVI, p. 205. - Cf. Vulliez H., *Saint François de Sales - l'amour au coeur*, Ed. Du Vieil Annecy, Annecy 2002, p. 68.

⁴¹ Cf. De la Rivière Louis, *La vie de l'Illustrissime François de Sales*, Lyon 1625.

preferia não impor nada pela força. Em vez de repreender inutilmente uma pessoa, procurava convencê-la, ou melhor, dizer-lhe sempre o que ele pensava e esperava que ela sozinha tirasse como conclusão. Somente nessas condições é que um pecador podia abrir-se à ação da graça.

Em Villard havia um homem de má reputação que dava escândalo público. Movido de piedade para com o pobre homem, Francisco, munido de infinita doçura e paciência, fez de tudo para reconduzi-lo ao bom caminho, mas não conseguiu. Como resposta à paterna exortação, o homem se pôs a insultá-lo de tal modo que o bispo foi obrigado a ameaçá-lo de excomunhão. Como o tal continuava a zombar dele e, caso fosse excomungado, ameaçava fazer-se protestante, o bispo achou melhor calar e rezar por ele.

Naquele dia era festa de São João Batista e, na hora do sermão, o bispo subiu ao púlpito e fez uma meditação muito tocante sobre o martírio do Batista. Quis Deus que aquele pecador obstinado, provavelmente por mera curiosidade, fosse ouvir o sermão. Sentindo-se tocado interiormente pelas palavras do santo pregador, apenas terminada a pregação, chorando, atirou-se aos pés de Francisco e, para emendar-se dos seus escândalos, pediu perdão a ele e a todos os presentes⁴².

Um dia da Quaresma de 1595 Francisco foi confessar os militares da fortaleza de Allinges. Impressionado com o arrependimento de um dos soldados, o santo confessor lhe deu como penitência somente um Pai-Nosso e uma Ave-Maria. Surpreendido com uma penitência tão leve, o solda-

⁴² Cf. *B.*, III, Cap. V, pp. 48-49.

do protestou: “Senhor bispo, quer condenar-me ao me impor uma penitência tão leve por todos os meus pecados?”.

“Não – respondeu o Santo –, confie na misericórdia de Deus, que é muito maior do que todos os seus pecados. Quanto à penitência, não se preocupe, eu a completarei por minha conta”⁴³.

Em 1618 o bispo de Genebra, junto com o cardeal Maurício da Saboia, foi a Paris para tratar do matrimônio do príncipe do Piemonte com a princesa Cristina da França, irmã de Luís XIII. Francisco pregava nas igrejas de Paris, até mesmo quatro vezes por dia, a ponto de nos nove meses que passou na capital, ter pregado 165 vezes. “É mais fácil para mim fazer um sermão do que dizer não”, dizia brincando o santo bispo⁴⁴. Por isso, no dia 9 de julho de 1619, o padre Binet, provincial dos jesuítas e colega de estudos de Francisco, o repreendeu assim:

“Senhor bispo, embora suas pregações tratem de tantas virtudes, o senhor comete dois grandes pecados”.

“Muito bem, padre – respondeu humildemente Francisco – faça-me a caridade de dizer quais são, para que, com a ajuda de Deus, eu me corrija!”.

“A sua bondade – respondeu o jesuíta – o leva com facilidade a fazer dois sermões por dia; desse jeito, o senhor prejudica os outros pregadores e também a si mesmo: os primeiros, porque poderiam ser julgados pouco instruídos e incapazes de pregar; o senhor mesmo, porque acabará aruinando sua saúde”.

⁴³ Cf. *AS*, IV, p. 62.

⁴⁴ Processo III, 35.

O senhor tem razão – responde o santo bispo –, mas o que quer? É a minha natureza que me leva a ser disponível assim! Para mim é tão dura a palavra “não” dita aos outros que não consigo pronunciá-la quando me pedem alguma coisa razoável e factível. Nunca peço para pregar, entretanto, não tenho coragem para recusar, se me pedem para louvar a Deus, Nossa Senhora e os santos. Como seria feliz se eu pudesse terminar a minha vida nesse santo ministério!”.

O padre Binet não soube o que replicar; guardou a resposta no seu coração, e depois da morte de Francisco a revelou do púlpito, edificando os ouvintes”⁴⁵.

Em 1609, o santo bispo escreveu ao prior da abadia de Talloires, exortando-o a usar “muito mel e muito leite”, isto é, doçura e discernimento na correção de religiosos que havia pouco tempo que se tinham convertido, porque “os recém-nascidos ainda não têm dentes bastante fortes para servir-se de alimentos sólidos...”⁴⁶.

O método evangelizador do santo pregador era a doçura e a compreensão para com quem se tinha afundado no pecado. Em alguns casos, porém, sem faltar minimamente à caridade, sabia defender a fé com firmeza, autoridade e força de ânimo.

No dia 17 de julho de 1595, Francisco pregou em Thonon; muitos protestantes que tinham vindo ouvir seu sermão se sentiram comovidos e tocados por suas palavras.

⁴⁵ AS, VII, p. 199.

⁴⁶ Ibid., p. 357.

Constatando o grande influxo que o santo bispo exercia sobre as multidões, alguns ministros do culto reformado tentaram prejudicar a sua reputação inventando um mundo de mentiras: entre outras coisas, diziam que ele era um mago e que usava encantamentos e magia para conquistar a simpatia do povo.

Entre esses tais, havia um calvinista que, maldosamente, jurou ter visto Francisco de Sales nas reuniões noturnas dos magos. Essa voz se espalhou e a partir daquele dia só se falava em queimar vivo o santo pregador. Os ministros protestantes renovaram a proibição de ir ouvir suas pregações com o pretexto de que ele tinha familiaridade com os demônios.

Quando Francisco soube de que diabruras o acusavam, riu-se, e depois, fazendo o sinal da cruz, disse: “Este é o meu sinal e o meu encantamento! Por meio desse sinal submeto todos os diabos, ponho em fuga todas as assombrações noturnas e os negociadores de pecado que se movem nas trevas. Munido deste sinal sagrado, não tenho medo de nada do que os homens poderiam fazer contra mim; mesmo se exércitos inteiros viessem contra mim, eu os dispersaria por meio deste sinal; e se os ministros protestantes querem operar algo maravilhoso, que venham a mim e lhes ensinarei o uso e o mérito da santa Cruz de Jesus Cristo”²⁴⁷.

Um dia, durante uma pregação, Francisco deixou escapar uma palavra não muito gentil a respeito de Calvino, tanto assim, que os ouvintes, ouvindo esse nome, fizeram

⁰ AS, VII, p. 408.

o sinal da cruz. O bondoso bispo, sem malícia ou dureza, tinha qualificado o reformador protestante de “malcheiroso”⁴⁸... Essa expressão, jamais ouvida da boca do santo pregador, não provinha, porém, de apreciações apaixonadas, mas somente do zelo extraordinário que ele tinha pela salvação das almas⁴⁹.

Monsenhor Trochu extraiu de um velho manuscrito um episódio que ilustra admiravelmente a técnica usada pelo apóstolo do Chablais para converter as pessoas: a doce persuasão do amor.

Em 1598, Francisco de Sales tinha estreitado amizade com um calvinista chamado Fernando Bouvier. Este, porém, por mais que estimasse seu amigo, hesitava em converter-se. Um dia, chegando em Thonon bem cedo, foi cumprimentar Francisco que, em jejum, esperava para rezar a missa: pensando fazer-lhe algo agradável, ofereceu um doce, especialidade da região preparada com nozes cobertas de caramelo.

“Senhor bispo, por favor, experimente estas nozes; na missa, o senhor pode pensar depois” – disse-lhe Bouvier.

“Isso não – respondeu o prelado – mas para dar-lhe prazer, hoje deixarei de rezar a missa [para saborear o doce que me ofereceu]”⁵⁰.

⁴⁸ Na época de São Francisco de Sales essa expressão era comum na boca dos pregadores!

⁰ *Atti del primo processo*, II, fol. 1099, em *Saint François de Sales, Maître spirituel*, Spes, Paris 1960, p. 69.

⁵⁰ Francisco era muito fervoroso e celebrava todos os dias a santa missa: por isso, renunciar à Eucaristia, para ele, era um grande sacrifício, mas o aceitou de bom grado para facilitar a conversão do amigo protestante.

O manuscrito conclui relevando que a extrema delicadeza de São Francisco de Sales não só conseguiu sensibilizar o coração do amigo Bouvier, mas também que ele se convertesse à fé católica⁵¹.

Uma afirmação de São Francisco pode confirmar a autenticidade deste episódio. De fato, às suas religiosas ele dava esta orientação: “Se perceberem que uma coirmã está com um pouco de febre, e se num dia de festa sua temperatura improvisamente subir na hora da missa, podem e devem deixar a missa para ficar com ela, embora suas condições não sejam muito graves. Vejam: a caridade e a doçura da nossa boa mãe Igreja estão sempre acima de tudo o mais”⁵².

O bispo de Genebra, pregador sábio e muito humilde, sabia tocar os corações dos seus ouvintes. Dele, o grande Bossuet (1627-1704) dirá com admiração: “Não é possível imaginar o número de ovelhas perdidas que ele reconduziu ao aprisco. É que a sua ciência, iluminada por Deus, brilhava unicamente para aquecer. Expressões inflamadas saíam de sua boca e imediatamente atingiam o mais íntimo dos corações. Ele sabia que o calor penetra bem mais profundo do que a luz... Era este calor benéfico que conferia à sua pregação tão grande eficácia...”⁵³.

⁵¹ Extraído do manuscrito: *Conduite de saint François de Sales pour la réforme des Révérendes Mères Bernardines de Savoie...*, p. 27, em Archives départementales de Haute Savoie, carton F de S2, liasse F2, n. 1b. - Cf. *T*, t. I, pp. 550-551.

⁵² *Entretiens*, em *O*, IV, p. 309.

⁵³ *Oeuvres Oratoires*, III, Ed. Lebareq, DDB, Paris 1916, p. 581.

Francisco de Sales revela o segredo que levou tantas almas à conversão: pregar com doçura e com amor. Pregar, não excomungar ou ameaçar, como infelizmente faziam habitualmente tantos pregadores... Em 1608, ele escrevia à Senhora de Chantal a respeito de um “peixe grosso” que tinha pescado em suas redes: “Quando eu estava em Paris e pregava na capela da rainha sobre o dia do Juízo, houve uma mulher, a Senhorita Perdreauille, que viera por curiosidade, mas que acabou retida nas redes.

Depois desse sermão, decidiu instruir-se e, após três semanas, levou junto toda a família a se confessar comigo e foi madrinha de todos os familiares para a crisma. Vejam, aquele sermão, não o preguei contra a heresia, todavia inspirava as pessoas a combaterem a heresia, porque Deus me concedeu esse espírito para o bem daquelas almas. Desde então, sempre disse que quem prega com amor já prega muito bem contra os hereges, embora não diga uma única palavra polêmica contra eles”⁵⁴.

O bispo de Genebra queria que os seus sacerdotes fossem misericordiosos para com os pecadores: “Lembrem-se – dizia-lhes – de que os pobres penitentes os chamam de “pai”; de fato, vocês devem ter para com eles um coração paterno, suportando com paciência sua rusticidade, ignorância, falta de inteligência, demora em compreender e outras imperfeições, jamais desistindo de ajudá-los e socorrê-los enquanto houver neles alguma esperança de emenda.

Os pastores não têm a carga as almas fortes, mas particularmente as enfermas e frágeis. O filho pródigo, embo-

⁵⁴ *O*, XIV, pp. 96-97. - *H*, II, p. 518. - Cf. *C-A*, I, p. 315.

ra voltasse para casa nu, sujo e malcheiroso por ter estado entre os porcos, apesar disso, seu bom pai o abraça, beija amorosamente e chora, porque é seu pai, e o coração dos pais é sempre terno para com o corações dos filhos”⁵⁵.

Eu sou um pobre homem sujeito a defeitos, mas, por graça de Deus, desde que me tornei pastor do meu rebanho, nunca pronunciei palavras encolerizadas contra ele”.

São Francisco de Sales (*O*, XVIII, p. 61).

⁵⁵ *Avertissements aux confesseurs*, em *O*, XXIII, p. 281.

3

UM ESPÍRITO HUMILDE QUE FUGIA DAS HONRAS E DAS VAIDADES DO MUNDO

“Reconhecer-se miseráveis não é humildade, é somente não ser estúpidos; mas é humildade querer e desejar que os outros nos considerem e tratem como tais”.

São Francisco de Sales, *I Trattenimenti*,
op. cit., App. C, 7, p. 368.

Com vinte e quatro anos, Francisco, jovem estudante em Pádua, adoecera gravemente e sua vida estava por um fio.

“Onde quer ser sepultado? Que tipo de funeral deseja?”, perguntou-lhe o padre Déage, seu preceptor.

Francisco respondeu: “Só tenho um testamento a fazer: confiar minha alma a Deus. Meu corpo, por favor, entregue-o aos estudantes de medicina, para que, de nada tendo servido nesta vida, pelo menos possa ser útil depois de morto... Eu ficaria bastante contente se, assim, pudesse impedir uma daquelas rixas e carnificinas que os estudantes aprontam nos cemitérios quando vão desenterrar os cadáveres apenas sepultados para fazer a autópsia”⁵⁶.

⁵⁶ Para estudar anatomia, os estudantes de medicina precisavam de corpos humanos. Com essa finalidade, não hesitavam em ir aos cemitérios desenterrar cadáveres apenas sepultados, servindo-se inclusive das armas para arrancá-los às famílias que montavam guarda: Cf. *T*, I, pp. 161-162. Depois dessa grande tribulação, Francisco sarou, graças a Deus!



Em março de 1599, Francisco devia ir a Roma para a visita *ad limina*. Como o seu bispo, Cláudio de Granier, por motivos de saúde, não podia ir pessoalmente, decidiu fazer-se representar por Francisco. O Papa Clemente VIII, que o esperava, mandou chamá-lo e ordenou-lhe que se preparasse para prestar o exame canônico, espécie de interrogatório, para atestar a idoneidade dos candidatos ao episcopado.

Francisco ficou muito surpreso com esta notícia, pois os padres da Saboia estavam dispensados dessa formalidade. Dado, porém, que o papa declarava que “era somente pelo prazer de ouvi-lo e a fim de torná-lo recomendável aos cardeais”, era preciso obedecer. Assim, Francisco enfrentou o dito exame na presença do papa e do seu júri de honra, composto por oito cardeais, uns vinte arcebispos e bispos, superiores de ordens religiosas, teólogos e simples ouvintes. A presença desses altos dignitários da Igreja

era tão imponente que um prelado espanhol, que devia ser interrogado no mesmo dia, tomado de pânico, desmaiou e morreu alguns dias depois... Mais corajoso e certamente mais confiante em Deus, o humilde Francisco de Sales conservou toda a sua calma, e de acordo com o cerimonial, pôs-se de joelhos no meio da assembleia para ser interrogado, primeiro pelo papa, depois pelos examinadores. Terminado o exame, o sumo pontífice, cheio de admiração tanto pela humildade do candidato quanto pela exatidão das suas respostas, sorrindo, disse aos cardeais: “Ninguém dos que ouvimos até hoje nos satisfaz como este”.

Depois de receber com sincera modéstia as congratulações do papa e dos prelados presentes ao exame, Francisco recusou-se a ouvir qualquer comentário elogioso a seu respeito. De fato, de Roma, no dia 26 de março de 1599, escreveu a seu primo Luís: “Confesso-lhe ingenuamente que Deus não permitiu que eu ficasse confuso durante o exame, embora de mim não se deveria esperar outra coisa... Os sinais de bondade paterna com que o papa me honrou... me obrigam a ser mais do que um bom filho e bom servidor da Santa Igreja Romana; em todo caso, seja lá o que for que escrevam de mim, nunca esqueça que, assim como os inimigos tendem a exagerar os nossos defeitos, os amigos costumam exagerar os nossos méritos; e que, em última análise, somos o que somos diante de Deus”⁵⁷.

Francisco esperou mais de três anos para receber a ordenação episcopal: recebeu-a somente após a morte do bispo Granier, pois não queria fazer sombra ao seu predecessor, nem diminuir as rendas do bispado de Genebra, que

⁵⁷ AS, III, p. 547. - Cf. B, III, Cap. I, p. 1012. - T, t. I, pp. 599-601.

sabia serem insuficientes até mesmo para uma só pessoa. Sem dúvida, refinada caridade!

Foi sagrado bispo no dia 8 de dezembro de 1602, aquele que o rei Henrique IV, para elogiá-lo, chamava de “a fênix dos bispos”. E acrescentava: “Os outros preladados são gentis-homens, mas ignorantes, ou então cultos, mas sem devoção... sempre lhes falta alguma coisa; a passo que Francisco de Sales, bispo de Genebra, é gentil-homem douto e ao mesmo tempo devoto: é uma ave rara sobre a terra”⁵⁸.

Depois de renunciar aos faustos da corte e à proposta do rei que queria orná-lo com o título de cardeal e conferir-lhe a sede episcopal⁵⁹ de Paris, Francisco disse: “Já estou casado com uma mulher pobre, não posso deixá-la por outra mais rica”. A “mulher pobre” era a diocese de Genebra, à qual, como bispo, era afeiçoadíssimo⁶⁰.

No domingo após seu ingresso solene na diocese, o novo bispo devia pregar sobre o mistério da Natividade, mas, ainda ofuscado pela visão que tivera durante a própria ordenação episcopal, esqueceu o que devia dizer e, sem se dar conta, foi como que raptado novamente por aquela visão celeste.

Estupefatos, os ouvintes ouviram-no contar ingenuamente as maravilhas que ele tinha visto naquele dia: em

⁵⁸ Cf. *C-A*, I, op. cit., p. 317.

⁵⁹ A sede de Paris foi erigida como arquidiocese em 20 de outubro de 1622.

⁶⁰ Cf. João Paulo II, *Carta ao bispo de Annecy por ocasião do quarto centenário da ordenação episcopal de São Francisco de Sales*, 23 de novembro de 2002.

visão, via a Santíssima Trindade⁶¹ que no céu realizava as ações feitas pelos bispos consagrantes sobre sua pessoa. Via também a Virgem Maria que o tomava sob a proteção, e os apóstolos Pedro e Paulo a seu lado, que o defendiam. A partir daquele momento, sempre que lembrava essa involuntária “distração”, o bispo corava de vergonha⁶².

Todos os anos, na tarde da Quinta-Feira Santa, o povo de Annecy participava de uma procissão penitencial pelas ruas da cidade. No dia 27 de março de 1603, foi o bispo de Genebra quem deu exemplo de verdadeira penitência, juntando-se aos irmãos da Santa Cruz, caminhando de pés descalços e vestindo uma roupa feita de pano de saco⁶³.

O santo bispo empregara diversos anos, de 1604 a 1610, para visitar todas as paróquias da diocese, muitas delas de acesso tremendamente difícil, por caminhos abertos nas montanhas e muito perigosos. Um criado que o acompanhava durante as visitas pastorais, observava com admiração que, “embora o bispo pregasse em todas as paróquias, nunca o ouvira repetir o mesmo sermão”⁶⁴.

Francisco sabia tocar o coração daqueles rudes montanheses e mostrava-se sumamente agradecido pela simplicidade e a cordialidade que as pessoas dos Alpes da Saboia

⁶¹ Não é por acaso que a Ordem da Visitação tenha sido fundada no dia da Santíssima Trindade, com “três” primeiras irmãs: a literatura visitandina sempre deu grande importância a este “bendito número três” e à espiritualidade trinitária na vida dos dois fundadores.

⁶² Cf. *C-A*, I, (éd. 1857), p. 336. - *C-A*, I, (éd. 1879), p. 341.

⁶³ Cf. *AS*, III, p. 686.

⁶⁴ Cf. Vidal F., *Alle sorgenti della gioia*, Città Nuova Ed., Roma 1993, p. 17.

lhe reservavam. De fato, escrevia para a Senhora de Chantal: “Oh, querida filha, que povo bom encontrei por aqui, perdido no meio dessas altas montanhas! Que honra, que acolhida e que veneração pelo seu bispo! Outro dia, cheguei a esta pequena cidade no meio da noite; seus moradores tinham preparado tantas luzes e tanta festa que parecia estar em pleno dia. Ah, bem que eles mereceriam um pastor melhor!”⁶⁵

No dia 6 de janeiro de 1606, Francisco, que se tinha retirado para momentos de solidão junto aos jesuítas de Chambéry, foi pregar a Quaresma no Senado da Savoia. Naquela oportunidade, Nosso Senhor permitiu que a santidade do seu ministro fosse visível para todos. Diante de fiéis e de senadores – reunidos ao completo para a circunstância – Francisco pregava com tal fervor que todos pendiam de seus lábios.

Enquanto comentava a Paixão de Jesus, os presentes viram surgir raios luminosos do grande Crucifixo que dominava a tribuna da igreja e que vinham iluminar intensamente o rosto do bispo. Dando-se conta do que estava acontecendo, ao perceber o estupor e a comoção dos ouvintes, certamente teria preferido fugir por causa do embaraço que sentiu naquela hora. Aquele Crucifixo se conserva até hoje no mosteiro de Chambéry⁶⁶.

O príncipe bispo de Genebra vivia pobremente, mas com dignidade: casa alugada, pessoal de serviço reduzido

⁶⁵ *Carta à baronesa de Chantal* de 02.10.1606 (357), em *Tutte le Lettere*, I, Patristica, Ed. Paoline, Roma 1967, pp. 815-816.

⁶⁶ Cf. *B*, III, Cap. VI, p. 56. - *AS*, II, p. 145.

ao indispensável, mesa frugal, roupas muitas vezes remendadas... As honras que não podia evitar, ele as considerava devidas à Igreja: “Durante o dia – dizia – ando por aí como bispo de Genebra; de noite, retiro-me como Francisco de Sales”.

Embora descendente de família nobre, Francisco jamais disse uma palavra de apreço ou vaidade a próprio respeito, não suportava honras, elogios e outras atitudes das pessoas do mundo. Era norma sua nunca falar de si mesmo, nem bem, nem mal, e de não se referir às boas obras que fazia. “Sem dúvida – dizia –, quem fala pouco de si faz muito bem; porque, quer falemos de nós acusando-nos, desculpando-nos, louvando-nos ou criticando-nos, a nossa palavra sempre serve como isca para a vaidade. Sendo assim, a não ser que um grande ato de caridade nos obrigue a falar de nós e de quem tem liames de parentesco conosco, é sempre melhor calar”⁶⁷.

No dia 17 de outubro de 1618, a pedido do duque da Saboia, Francisco de Sales deixou a sua Annecy e foi a Paris, junto com o cardeal Maurício da Saboia, filho do duque, para levar a termo uma missão diplomática, relevante também do ponto de vista político. De fato, o cardeal recebera o encargo de negociar o matrimônio de Vitório Amadeu I, príncipe herdeiro dos Saboia, com a jovem Cristina da França, irmã do rei Luís XIII, com quem o príncipe casou em 1619 quando ela tinha treze anos.

⁶⁷ B, III, Cap. VI, p. 56. - AS, II, p. 145.

No dia seguinte ao da sua chegada a Paris, 11 de novembro de 1618, festa de São Martinho de Tours, o bispo de Genebra foi convidado pelo amigo padre Pedro De Bérulle (1571-1629) a fazer o panegírico do santo na igreja do Oratório de Paris. Como a fama do pregador se difundiu rapidamente, ilustres personagens e pessoas do povo, enfim, uma multidão de curiosos, acorreram de toda Paris e arredores para ouvi-lo pregar.

No meio do povo estava também o rei, a rainha, a corte, a nobreza parisiense, o bispo local e numerosos prelados e religiosos. A igreja do Oratório estava à cunha, de tal modo que Francisco não pôde passar pela porta de entrada, mas, com a ajuda de uma escada, teve que passar por uma janela para alcançar o púlpito.

O santo bispo, vendo toda aquela assembleia pender de seus lábios, deu-se conta de que a expectativa era grande por causa da fama de bom orador que o tinha precedido. Para fugir da glória e das honras, Francisco preferiu humilhar-se diante daqueles ilustres ouvintes: em vez de um esplêndido panegírico, contou com simplicidade a vida de São Martinho, sem a ênfase e o fervor habituais, que tanto entusiasmavam seus ouvintes. Aqueles que esperavam um discurso grandiloquente, elevado, elegante e recheado de citações em latim e em grego, segundo o uso dos pregadores da época, ficaram de queixo-caído.

Ouvindo uma narração tão simples, quase banal, da assembleia elevou-se um murmúrio indignado: “Estão vendo como fala grosseiramente este montanhês? Valia mesmo a pena vir de tão longe para nos dizer o que diz e pôr à prova a paciência de tanta gente?”, resmungava uma senhora

pedante que, alguns anos depois, ter-se-ia feito religiosa! Francisco, do púlpito, podia ouvir os comentários sobre sua homilia e, no seu coração, agradecia a Deus por ter lhe dado tão bela oportunidade para cultivar a humildade. De fato, ele se alegrava, porque não tinha pregado para agradar aos homens, mas a Deus⁶⁸. Ao passo que os cristãos convictos e os amigos do Santo ficaram extasiados com suas palavras e disseram: “Não fez um discurso, evangelizou!”⁶⁹.

Francisco, em sua humildade, se considerava indigno demais para aceitar com entusiasmo a decisão do papa Leão XI (Alexandre de Médici) de incluí-lo entre os prelados que pretendia elevar ao cardinalato. A única batina vermelha que ele teria usado de bom grado – dizia Francisco – seria sua própria batina, manchada com o próprio sangue, derramado pela conversão dos pecadores.

Provavelmente, a resistência do santo bispo não teria feito mudar a decisão do papa, e Francisco teria sido nomeado cardeal, se a morte não tivesse levado à tumba Leão XI, somente após vinte e sete dias de pontificado⁷⁰.

São Francisco de Sales não suportava os cumprimentos exagerados que lhe eram feitos e muitas vezes teve que moderar o ardor das suas admiradoras. Um dia escreveu à Ir. de Blonay este bilhete: “Caríssima filha, sem dúvida, escre-

⁶⁸ Cf. *H*, II, p. 223. - *B*, IV, Cap. X, pp. 242-243. - *L*, p. 133. - De Maupas du Tour H., *La vie du vénérable Srviteur de Dieu François de Sales*, Paris, 1657, in 8°, p. 370.

⁶⁹ Lajeunie, citado por Nuovo., *Francesco di Sales - il fascino della santità*, Città Nuova Ed., Roma 2002, p. 10.

⁷⁰ Cf. *AS*, IV, p. 445.

ve muito bem. Todavia, para ser ainda mais excelente, deve comandar um pouco melhor a própria mão; e escreva assim para todos, não somente para mim que, talvez mais do que todos, suporte com mais paciência a sua feia caligrafia!”⁷¹.

Ouvindo o relato de um camponês que caíra num precipício ao procurar a sua vaca, Francisco disse, suspirando: “Meu Deus, o ardor desse pastor em buscar a própria vaca era tão forte que nem as geleiras da montanha conseguiram resfriá-lo; por que, então, eu sou tão frio na busca do meu rebanho?”⁷².

Francisco preferia ser chamado simplesmente de “pai” [pai], porque não estava de modo nenhum apegado aos títulos honoríficos da função episcopal. “Nas suas cartas – escrevia à baronesa de Chantal – eu não quero outro título de honra a não ser o de pai: para mim ele é mais forte, mais amável, mais santo, mais glorioso”. Numa carta à abadessa de Port Royal, proibiu-a que o chamasse com o título de “Monsenhor” [Dom], porque o nome de pai é “mais cristão, mais doce, mais eficaz para testemunhar o amor de um pai pela sua filha”⁷³.

Durante o verão de 1620, Francisco de Sales acolheu fraternalmente D. Camus, bispo de Belley, que desejava transcorrer um período de repouso em Annecy.

Passeando juntos à beira do lago, Camus se admirou ao ver que o povo saudava seu bispo chamando-o “Padre”

⁷¹ *O*, XX, p. 145.

⁷² *O*, XIII, pp. 199-224.

⁷³ *O*, XXI.

em vez de “Dom”, segundo o costume da Savoia. Francisco respondeu: “Oh! Essas pessoas me dão mais prazer do que muito outros, sempre prontos a me cumprimentarem com o título de “Dom”⁷⁴. Bela lição de simplicidade para suas Excelências, Eminências e Reverendíssimos Padres...

O bispo de Genebra não suportava títulos de nenhuma espécie, menos ainda que fosse chamado de “bom” ou de “santo”. De fato, à baronesa de Chantal escrevia, com um quê de humor: “Minha querida filha [...], a senhora não escreve à minha mãe ou à senhora de Charmois conforme o meu desejo, quando lhes diz: “o nosso bom e santo bispo”. Essas boas senhoras, onde deveriam ler “sot” (bobo) bispo, leem “saint” (santo) bispo. Sei muito bem que nos tempos de São Jerônimo todos os bispos eram chamados de “santos” por causa do cargo que ocupavam; mas esse uso já passou de moda”⁷⁵.

No dia 24 de janeiro de 1608, Francisco insiste novamente: “é preciso que eu lhe proíba aquela palavra “santo” que me aplica quando me escreve, porque, minha filha, eu sou mais fingido do que santo, e também porque a canonização dos santos não é de sua competência”⁷⁶.

⁷⁴ Cf. Gonthier J.F., *Oeuvres historiques*, t. I, Masson (Paris), 1902, p. 608.

⁷⁵ *Carta à baronesa de Chantal* de 25.11.1607 (416), em *Tutte le Lettere*, I, op. cit., pp. 219-220.

⁷⁶ *Carta à baronesa de Chantal* de 24.01.1608 (425), em *Tutte le Lettere*, I, op. cit., pp. 936-937.

“As pessoas sérias não perdem tempo com o inútil emaranhado das hierarquias, honras, saudações: elas têm mais que fazer. Este é um terreno para a perda de tempo”.

Filoteia, III, 4.

“Pensar que se sabe o que não se sabe, é estupidez evidente: querer dar uma de sábio em assuntos que sabemos muito bem que desconhecemos, é uma vaidade insuportável; por mim, não quereria dar uma de sábio nem mesmo naquilo que sei, embora também não pretenda passar por ignorante”.

Filoteia, III, 5.

4

UM CARÁTER ALEGRE QUE REJEITAVA TODA TRISTEZA E MELANCOLIA

“Em qualquer ocasião – boa ou ruim – cantemos sempre o mesmo cântico: “Seja bendito o nome de Deus”! Não façamos como os macacos, que estão sempre carrancudos e furiosos quando o tempo é chuvoso ou escuro, e não param de fazer macaquices quando faz bom tempo!”.

São Francisco de Sales, *O.*, VI, p. 118.

Francisco de Sales repetia, conforme uma expressão de São Filipe Neri, que “um santo triste é um santo ruim” [em italiano: *“un santo triste è un tristo santo”*].

Conta-se que, um dia, uma religiosa, toda agitada, entrou precipitadamente no seu aposento, pedindo ao santo bispo: “Senhor bispo, ensine-me o que devo fazer para ser santa?”. Com sutil argúcia ele respondeu: “Comece entrando sem bater a porta!”.

D. João Francisco de Sales, irmão de São Francisco, tinha um temperamento irritadiço e pouco propenso à paciência.

Um dia, à hora do almoço, chegou ao bispado uma pobre senhora que ficou conversando longamente com o

bispo, de tal modo que chegou atrasado à mesa. Como seu irmão se mostrasse muito contrariado pelo acontecido, o santo bispo lhe respondeu com o humor costumeiro:

- “Sabe que no mundo há uma mulher que você deixou feliz?”

- “E quem é?”, replicou o irmão.

- “Aquela que teria sido sua esposa se você se tivesse casado!”⁷⁷.

Numa outra ocasião, o mesmo irmão repreendeu Francisco porque achava que suas conversas com uma doméstica duravam demais e, assim, todos tinham que esperar:

“Ah! – exclamou o irmão com certa irritação – com suas conversas que não acabam nunca faria perder a paciência ao mundo inteiro!”

Francisco, imperturbável, respondeu: “Essa pessoa e eu fazemos parte do mundo, e apesar disso, nem eu, nem ela perdemos a paciência”⁷⁸.

Um dia passava pela rua um homem muito rico e vaidoso. Esse gentil-homem procurava chamar a atenção dos passantes montado, solene, num cavalo branco, todo ajaezado, e exibindo orgulhosamente uma armadura brilhante. Francisco olhava as pessoas que, tomadas de admiração pelo belo cavaleiro, se inclinavam em sinal de respeito.

Sem perder a pose, exclamou em voz alta: “Pobrezinho, não se dá conta de que estão saudando seu cavalo e sua armadura, não a ele!”

⁷⁷ Citado por Nuovo L., *Francesco di Sales - il fascino della santità*, Città Nuova Ed., Roma 2002, p. 96. - Cf. *T*, II, p. 669.

⁷⁸ *Manuscrito de Madre Greyfié*, citado em *T*, II, 669.

Referindo-se provavelmente a esse episódio, o santo bispo escreveu à sua querida Filoteia: “Há pessoas que andam por aí cheias de orgulho e vaidade porque cavalgam um belo animal, têm um simpático penacho no chapéu e usam roupas esplêndidas. Não lhe parece que essa gente esteja meio doida? Se quisermos realmente falar de glória, ela cabe ao cavalo, ao avestruz, ao costureiro. É preciso ter mesmo muita coragem para tomar emprestado um pouco de estima de um cavalo, de uma pena no chapéu, de uma prega na roupa!”⁷⁹.

Em 14 de março de 1599, o bispo de Genebra foi a Roma para entregar ao papa Clemente VIII diversos documentos referentes ao retorno à fé católica no Chablais e nas províncias de Terrier e de Gaillard. Como era necessário longuíssimo tempo de espera antes que a administração romana desse uma resposta, Francisco de Sales disse, brincando: “Estou achando que a lentidão das negociações não seja tanto efeito da calma e da prudência da corte de Roma, mas um sinal da Providência que, assim, quer presentear os estrangeiros com muito tempo livre para poderem visitar com calma os lugares santos e confiar suas numerosas intenções a Deus e aos seus mártires”⁸⁰.

Em 1604, Francisco de Sales pregou a Quaresma em Dijon e foi ali que conheceu a baronesa de Chantal, com quem fundou a *Ordem da Visitação* em 1610. A Madre de

⁷⁹ *Filoteia - Introduzione ala vita devota*, III, 4, op. cit., p. 134.

⁸⁰ Cf. *AS*, III, p. 339.

Chaugy contará mais tarde o que aconteceu nos primeiros encontros entre os dois santos fundadores.

Um dia, em que Francisco foi convidado a almoçar com D. André Frémyot, arcebispo de Brouges, irmão da baronesa, ela se apresentou um pouco mais elegante do que o normal. O bispo, que apreciava a modéstia no vestir, disse àquela que ele haveria de guiar até a renúncia total:

- “Senhora, por acaso tem a intenção de casar de novo?”

- “Oh! Não, senhor bispo”, responde imediatamente a baronesa.

- “Então – replicou o Santo com um sorriso – seria mais conveniente diminuir um pouco as insígnias!”⁸¹.

No dia 12 de fevereiro de 1613, o santo bispo recebeu a abjuração de onze protestantes, previamente instruídos por ele na verdadeira fé. Francisco jamais dissimulou a alegria que sentia pela conversão de algum transviado e com frequência os convidava a comer com ele. Um dia disse: “Após ter chamado Mateus, que era pecador público, Nosso Senhor Jesus Cristo foi comer com ele: nós também agora iremos à mesa, em nome de Jesus Cristo!”⁸².

No dia de Pentecostes de 1613, a missa pontifical, celebrada pelo bispo de Genebra, foi interrompida por uma improvisa e estranha “descida do Espírito Santo”.

⁸¹ Cf. Vidal F., *Alle sorgenti della gioia*, op. cit., p. 83.

⁸² Cf. *AS*, II, p. 31.

A fim de conferir maior solenidade a essa grande festa litúrgica, os cônegos tinham projetado uma representação cenográfica: um dispositivo em forma de nuvem, posto na abóbada da igreja, no momento culminante da celebração, devia liberar uma pomba entre duas chamas, representando a descida do espírito Santo sobre os apóstolos.

Conforme o previsto, os fogos de artifício fizeram seu bonito papel, mas a pobrezinha da pomba, assustada com tanto barulho, não sabendo onde se esconder, acabou pousando sobre a cabeça calva do bispo...Em pé e imóvel no altar, São Francisco não fez nada para espantá-la e esperou pacientemente que a pomba fosse embora por conta própria. Este espetáculo divertiu muito a assembleia, inclusive o paciente bispo⁸³.

Em 18 de fevereiro de 1618, São Francisco de Sales foi convidado pelo bispo de Grenoble a pregar a Quaresma e a ministrar as Ordens Sagradas a 95 clérigos, provenientes de diversas províncias. Como quase todos queriam confessar-se com o bispo de Genebra, seu amigo Antônio Favre, presidente do senado da Savoia, observou-lhe que não devia estressar-se demais e que seria menos cansativo se ele encaminhasse alguns penitentes a outros confessores. O bispo, referindo-se aos que haveriam de receber a tonsura clerical, respondeu sorrindo: “Meu amigo, dado que toca a mim tosar estas queridas ovelhas, não é bom que também seja eu a lavá-las?”⁸⁴.

⁸³ Cf. De Sales C.-A, *Histoire du bienheureux François de Sales, evesque et prince de Genève, instituteur de l'Ordre des Religieuses de la Visitation Sainte Marie*, La Bottière Julliard, Lyon 1634, pp. 436, 446.

⁸⁴ *Ibid.*, II, p. 445.

Um dia, o santo bispo foi assistir à disputa pública de uma tese de filosofia. Em certo momento, o velho professor que presidia ao debate viu-se em dificuldades diante da argumentação do jovem estudante que ele estava examinando.

Francisco, percebendo o embaraço do velho mestre, que se perdera no próprio raciocínio, interveio para salvá-lo da desonra e, diante do auditório, resolveu com brilhantismo a dificuldade. O jovem estudante ficou calado e de queixo-caído ao ver com que lógica e precisão o bispo tinha tomado a defesa do professor. Não contente, porém, com a lição recebida, tentou justificar-se dizendo que a distinção apresentada pelo bispo de Genebra nunca tinha sido ouvida antes. Com uma ponta de humorismo, Francisco respondeu: “Pode até ser, senhor, que no passado nunca a tenha ouvido, mas de agora em diante poderá dizer que a ouviu!”⁸⁵.

Francisco de Sales se divertia ao contar à Madre Chantal que, apesar do barulho do coaxar das rãs durante a noite, ele jamais teria perdido o sono: “Sabe no que estou pensando? Digo isso porque me sinto muito alegre. Estou aqui em Viuz, que é território do nosso bispado. Tempos atrás, os moradores daqui, por respeito, eram obrigados a fazer calar as rãs dos riachos e dos pântanos da redondeza enquanto o bispo dormia. A mim parece que era uma lei muito severa. De fato, por mim, não pretendo exigir que a ponham em prática. Que coaxem quanto quiserem as pobres rãs! Contanto que não me mordam, jamais renunciarei

⁸⁵ De Sales C.-A, op. cit., IV, p 95.

a dormir por causa delas, se tiver sono. Não, não, querida filha, mesmo que a senhora estivesse aqui, eu não tentaria silenciar as rãs; mas certamente lhe diria que não deve ter medo nem inquietar-se, nem pensar no barulho que elas aprontam. Digo isto porque me dá vontade de rir”⁸⁶.

Um dia, o santo fundador, sorrindo, dizia às suas filhas da Visitação: “Poucas são as meninas que não são teimosas; quando se encontra uma que não é, convém guardá-la com carinho. E quando nos vierem tentações de inveja, vendo alguma coirmã fazer melhor do que nós e ser amada mais do que nós, é preciso torcer o próprio coração como se faz com um pano molhado, para forçá-lo a que volte à razão”⁸⁷.

Como a superiora da Visitação considerasse muito luxuosa a nova casa comprada pelo barão Zamet, ela escreveu a Francisco para pedir-lhe conselho, e recebeu esta bela resposta: “A casa do senhor Zamet, pelo que vejo, é muito bonita; todavia, faltando uma casa bastante bonita, será preciso contentar-se com uma muito bonita!”⁸⁸.

São Francisco de Sales refere um simpático episódio para nos dizer que Deus não se priva do humor com os seres humanos.

⁸⁶ *O*, XIII, p. 301.

⁸⁷ Francesco di Sales, *I Trattenimnti*, op., cit., App. E, 63, pp. 388-389.

⁸⁸ Citado por Pierre Coste em *Le grand saint du grand siècle Monsieur Vincent*, Desclée De Brower et Cie Éditeurs, Paris 1934, tomo I, p. 161.

“Eu soube de fonte segura – afirma o santo bispo – que um gentil-homem do nosso tempo, belo de espírito e de aparência, membro de nobre família, vendo passar alguns padres capuchinhos, disse aos companheiros: “Tenho grande vontade de saber como vivem aqueles grandes pés descalços e de ir viver com eles, não para sempre, mas por um mês ou três semanas, a fim de observar bem o que fazem, e depois daremos grandes risadas levando-os na troça”. Organizado o plano, vai em frente com decisão e firmeza e, por fim, é acolhido no convento. A divina Providência, que se servira do descaramento daquele jovem para tirá-lo do mundo, mudou seu objetivo maldoso e sua intenção, invertendo por completo a situação. Assim, aquele que pensava caçar os outros, acabou sendo caçado. Passados alguns dias com aqueles religiosos, ele já tinha mudado. Perseverou fielmente na sua vocação e se tornou um grande servo de Deus”⁸⁹.

O bispo de Sales foi hóspede da condessa de Soissons em 1622. A nobre senhora, beijando-lhe respeitosamente a barra da batina, cumprimentou-o assim:

- “Senhor bispo, se estivesse vestido de vermelho, eu o teria confundido com São Carlos Borromeu”.

- “E eu teria preferido mil vezes ser São Carlos Borromeu a me vestir de vermelho”, respondeu, sorrindo, Francisco!⁹⁰.

⁸⁹ Francesco di Sales, *I Trattenimenti, Colloqui com le sue figlie*, Città Nuova, Roma 1990, XVII, 10, pp. 292-293.

⁹⁰ Episódio contado por P. Rivière, *Vie*, pp. 611-612. - Cfr. *T*, p. 685.

Um dia em que se desencadeou um espantoso temporal, a Ir. Millerot se assustou em ouvir o trovão e correu a dizer seu medo ao santo bispo.

“Minha filha – ele respondeu – não tenha medo de nada: o raio fulmina só os santos e os pecadores, e a senhora não é nem santa, nem pecadora”⁹¹.

O fundador da Visitação, entretendo-se familiarmente com as suas filhas, ensinava-lhes muitas coisas e não perdia a oportunidade para insistir sobre a necessidade de ter sempre *bom-senso*: “Se a superiora dissesse a uma coirmã: “Vá para o jardim colher flores e, para fazer depressa, pule pela janela”, o que seria preciso fazer? Será preciso responder com doçura: “Madre, irei, sim, mas descendo pela escada!”⁹².

Francisco recebera ordens do rei Henrique IV de ir a Gex para conferenciar com o seu representante, o barão de Luz, a respeito de importantes medidas destinadas a restabelecer o culto católico naquela região. Para chegar a Gex o bispo de Sales devia atravessar a cidade de Genebra, toda ela nas mãos dos calvinistas, com o risco da própria vida. Para alguns extremistas teria sido ótima ocasião de poder prender o maior representante da Igreja Católica na Savoia: o bispo em pessoa, e ajustar as contas com ele!

- “Os nossos cidadãos de Genebra – disse, rindo, Francisco – como não querem ouvir a Missa, levarei a eles uma já rezada!”.

⁹¹ *Relation* 18, em Lajeunie E.J., *S. François de Sales, l'homme, la pensée, l'action*, II, op. cit., p. 256.

⁹² *Relation* 23-24, em Lajeunie E.J., op. cit., p. 257.

Quando lhe propuseram mudar de roupa para viajar incógnito, o bispo respondeu:

- “Não precisa envergonhar-se de usar o hábito de Cristo, e o pastor que vai à procura das ovelhas perdidas não pode esconder-se delas”.

- “E o que diremos à sentinela que controla os estrangeiros no ingresso da cidade?”, perguntou um dos membros da comitiva.

- “Digam que eu sou o bispo da diocese”, respondeu com calma Francisco.

Quando os viajantes chegaram às portas de Genebra, Francisco de Sales usava a batina violácea, rodeado por doze homens a cavalo; o oficial de guarda perguntou a um deles o nome da pessoa que eles acompanhavam.

- “É o bispo da diocese!”, respondeu com franqueza e ousadia.

- “Da diocese?” – replicou com surpresa a sentinela.
– Eu não conheço essa cidade...

Todavia, escreveu com muita seriedade no registro: “Hoje passou por aqui o bispo da diocese”.

Assim, o bispo de Genebra atravessou a sua cidade episcopal sem que ninguém suspeitasse quem ele era e chegou tranquilamente a Gex. O barão de Luz, feliz por ver o bispo são e salvo, restituiu aos católicos oito igrejas paroquiais que tinham caído na mão dos protestantes.

Quando se soube que o bispo de Sales tinha tido a audácia de atravessar Genebra debaixo dos bigodes dos guardas, os protestantes explodiram de raiva: “Que volte!”,

diziam, e juraram que se o tivessem apanhado lhe teriam cortado a cabeça em plena praça de Molard⁹³.

O entusiasmo das mulheres pelo bispo de Genebra e sua maneira de recebê-las incomodava alguma alma ressentida e moralista. Havia até quem lho dizia sem rodeios:

- “Não compreendo por que essas mulheres se divertem com o senhor, dado que não parece que digam lá grandes coisas!”.

- “Parece-lhe pouco que eu as deixe falar livremente? – rebatia, divertido, o bispo – É possível que esta capacidade que elas têm as estimule a virem até mim!”.

O padre Bourdoise, parisiense e muito vivaz, que tinha chamado de “galinha molhada”⁹⁴ o humilde Vicente de Paulo, incomodou-se também com o bispo de Genebra, e o achava muito mole e sobretudo muito disponível para com as mulheres.

“O senhor é bispo – dizia-lhe – e só se ocupa de mulheres! Para que servem essas filhas da Visitação? Ah, as mulheres! É preciso repetir-lhes cem vezes as mesmas coisas!”.

Então Francisco, tomando a defesa das suas senhoras, lembrou que os discípulos no Getsêmani fugiram, ao passo que as santas mulheres seguiram Jesus até o Calvário⁹⁵.

⁹³ Cf. *O*, XIV, 217, 244. - Cf. Pettinati G., *San Francesco di Sales*, Ed. San Paolo, Roma 1941, p. 219.

⁹⁴ Significa pessoa muito complacente, sem espinha dorsal.

⁹⁵ Cf. *H-C*, pp. 335-336.

Após uma incansável vida de pregação, a saúde do bispo de Genebra começou a declinar; aliás, ele aparentava muito mais idade do que os seus 55 anos.

Apesar dos trabalhos e do cansaço, o santo homem não tinha a coragem de dizer não aos jesuítas, que o tinham convidado para fazer uma conferência sobre a pobreza. Dado que, além dos achaques da saúde, também arrastava uma perna e usava uma bengala, pensaram ser conveniente enviar uma carruagem para buscá-lo. O bispo, porém, não aceitou e disse: “Seria mesmo estranho se eu fosse de carruagem para falar de pobreza!” E se pôs a caminho, devagarinho, com a sua bengala”⁹⁶.

⁹⁶ Cf. Pernet P., ms. De Cluses, f. 3.

5

ALGUÉM QUE SUPORTAVA TUDO COM PACIÊNCIA

“Não percam nenhuma ocasião, por menor que seja, de exercer a doçura de coração para com todos”.

São Francisco de Sales, *O*, XVI, p. 21.

Como o bispo usava de grande bondade para com as pessoas humildes e os pobres, algumas más línguas começaram a criticar abertamente seu comportamento e o acusaram de “estar rebaixando a dignidade episcopal”. Francisco não se perturbou minimamente com o que ele chamava de “sussurro do vento entre as folhas” e continuou imperturbável seu caminho.

No dia 8 de fevereiro de 1606, o bispo de Genebra foi convidado a pregar na presença da corte suprema de Chambéry. No momento em que estava para subir ao púlpito, uma pessoa imprudente e inoportuna veio adverti-lo de que os magistrados tinham ordenado o sequestro de todos os seus bens depois que se recusara a assinar uma “advertência”⁹⁷ que considerava injusta.

⁹⁷ Carta de excomunhão ou de outras penas canônicas; ordem de denunciar algum caso quando se refere a um fato determinado.

Francisco, sem mostrar a mínima inquietação, respondeu sorrindo: “Então, isto é sinal de que Deus me quer todo espiritual, enquanto me privam dos bens temporais”. Pregou com admirável tranquilidade de espírito, sem mostrar nenhum ressentimento pela afronta injustamente recebida⁹⁸.

No ano de 1614, Francisco foi envolvido num ignominioso escândalo, embora ele fosse totalmente inocente. Em diversas circunstâncias, o santo bispo teve que advertir uma senhorita de nome Marcelina Bellot, porque levava uma vida imoral e era causa de escândalo em Annecy e em Chambéry. Ela ficou muito irritada pela condenação de sua vida licenciosa e rejeitou qualquer mudança de comportamento. Eis, pois, que seu amante elaborou um plano diabólico para prejudicar a reputação do bispo e vingar o orgulho ferido da mulher.

Imitando habilmente a letra de Francisco, o amante da Bellot escreveu uma carta na qual o bispo pedia perdão, dizendo que fora obrigado a usar de severidade para com ela por causa da sua função de bispo; em seguida, ele pedia um encontro secreto para poder expressar-lhe pessoalmente a verdadeira natureza dos seus sentimentos.

Os dois cúmplices fingiram-se escandalizados com aquela carta falsamente atribuída ao bispo de Genebra, fizeram-na passar de mão em mão por toda a cidade de Annecy⁹⁹. Muitos ficaram indignados e de queixo caído! Um amigo do bispo, o senhor de Foras, que não queria crer nas

⁹⁸ Cf. *AS*, II, p. 210.

⁹⁹ Depoimento de M. de Foras: *PI*, 29.

acusações que corriam pela cidade, entregou a carta ao bispo, que a leu com calma e sem demonstrar qualquer reação. Declarou que não era ele o autor da carta; demonstrou-se admirado por terem imitado a sua letra tão bem; restituiu a carta ao amigo e não deu mais nenhuma importância ao ocorrido¹⁰⁰.

O caluniador, surpreendido pela morte durante uma viagem a Paris, antes de morrer, confessou publicamente seu erro e restabeleceu a honra e a respeitabilidade do santo bispo, o qual nem tinha procurado defender-se. De fato, dizia, bem humorado: “A verdade é como a barba: quanto mais se corta, mais ela cresce!”.

Em 2 de setembro de 1616, um comendador de Malta, encolerizado, foi ter com o bispo de Genebra porque não tinha confiado certa paróquia a um padre recomendado por ele. Como o homem estivesse fora de si e dissesse toda espécie de injúrias e ameaças, o bispo ficou pacientemente a ouvi-lo, suportou os impropérios e as insolências sem dizer uma palavra.

Quando aquele senhor terminou de dizer tudo o que queria, levantou-se improvisamente e saiu sem esperar a resposta. As pessoas que estavam ali ficaram estupefatas e se indignaram pelo comportamento ultrajoso que aquele homem tinha mostrado em relação ao bispo. Francisco, porém, com a calma costumeira, disse: “Devo ser-lhe grato por ter-me poupado o trabalho de opor-lhe as razões da justiça à extravagância do seu desejo”. Então, um seu irmão lhe perguntou se o episódio o tinha ferido ou não. Francis-

¹⁰⁰ Cf. *H-C*, pp. 263-265.

co, que não sabia fingir nem mentir, confessou que diante das injúrias, às vezes sentia “a cólera ferver no seu cérebro como a água numa panela sobre o fogo”. Mas, acrescentou: “É preciso lembrar as palavras de Davi: “Tremei, mas não pequeis” (Salmo 4,4,) ¹⁰¹.

Não eram poucas as maldades que o bispo devia suportar por parte de alguns jovens desmiolados: cantavam canções licenciosas e atiravam lama e imundícies contra as portas e janelas do bispado. Em vez de denunciá-los às forças da ordem, Francisco preferia convidá-los a brindar com ele, mas antes, dava-lhes uma lição de boa conduta: “Não é católico tratar os eclesiásticos dessa forma e proferir injúrias contra o próprio bispo” ¹⁰².

Ninguém jamais viu atitude mais respeitosa e cheia de devoção como a que Francisco assumia durante a oração e diante do Santíssimo Sacramento. O povo comentava que o via imóvel como um anjo ocupado em contemplar a face de Deus. Era calvo, e embora os pernilongos o picassem, não os espantava: antes que dar um mínimo sinal de inquietação diante do Senhor, preferia suportar o incômodo e o prurido provocado pela picada dos insetos ¹⁰³.

¹⁰¹ Cf. *C-A*, II, p. 108. - *GR*, p. 127. - *AS*, IX, p. 21.

¹⁰² Lajeunie E.J., *S. François de Sales, l’homme, la pensée, l’action*, II, op. cit., p. 110.

¹⁰³ Cf. *AS*, II, VI, p. 628.

Muitas vezes Francisco devia suportar as calúnias e as fofocas que alguns ministros protestantes espalhavam para que as pessoas não se convertessem à Igreja Católica. Ele, porém, nunca quis defender-se.

Num carta ao bispo de Dol, Francisco escrevia: “O ministro Le Favre, de Genebra, preparou um livro inteiro sobre mim, onde não poupa a calúnia. Ele não leva em conta a multidão das minhas imperfeições, que, certamente, são deploráveis, e me acusa somente daquelas que, por graça de Deus, não tenho: ambição, ociosidade, cães de caça, escuderias e outras loucuras desse jaez, que não andam longe do meu afeto, mas que também são incompatíveis com a urgência das minhas ocupações e a forma de vida que o meu ofício impõe. Assim sendo, bendito seja Deus pelo fato daquele senhor não conhecer meus males, que ele quereira curar com a maledicência. Pergunto-me se devo ou não responder e, se não fosse pelo parecer dos amigos que não pensam como eu, decidiria de imediato dizer que não”¹⁰⁴.

Francisco sabia perfeitamente que “para mudar o coração do ser humano era preciso não começar por fora (roupas, perfumes...), mas por dentro, porque, sendo o coração a fonte das ações, elas se assemelham em tudo ao ser humano”¹⁰⁵.

¹⁰⁴ Francisco de Sales, Carta a D. Antônio de Revol, bispo de Dol, de 14 de agosto de 1604 (233), em S. Francesco di Sales, *Tutte le Lettere*, vol. I, “Patrística”, Ed. Paoline, Roma 1967, p. 494.

¹⁰⁵ Cf. *O*, III, pp. 123-133.

Um dia, a respeito de uma jovem viúva que tinha sido acolhida como dama benfeitora em Moulins, o bispo escreveu à Madre Chantal, mostrando-se indulgente e divertido: “A Senhora du Tertre desfila aqui bastante honrosamente a sua vaidade, com o quarto bem atapetado e suas roupas de seda: será preciso suportá-la um pouco. Bem que poderia ter mais bom gosto!”¹⁰⁶.

No dia a dia da vida quotidiana, o santo bispo suportava com humildade e em silêncio não somente as contrariedades mais duras, mas também as pequenas, as confusões e as trapalhadas de certa doméstica... Aconteceu que Francisco parou em Machilly para visitar o pároco e aceitou ficar para o almoço preparado em sua honra. A cozinheira, porém, distraída, em vez de sal pôs farinha na mesa. O bispo de Genebra, que não reparava se a comida era saborosa ou insípida, serviu-se de farinha para temperar seu prato sem se dar conta do engano. Os comensais, mais atentos do que ele, perceberam, e vendo que ele continuava alegremente a se servir de farinha, começaram a rir.

- “Oh! Como é doce esse sal – diziam – será que por acaso não é farinha?”

- “Garanto-lhes – respondeu Francisco – que pensei que fosse realmente sal, dado que o meu paladar não se deu conta de nada”¹⁰⁷.

¹⁰⁶ O, XIX, p. 44.

¹⁰⁷ Cf. Pettinati G., *San Francesco di Sales*, op. Cit., p. 206.

Por ordem do duque da Savoia, o bispo de Genebra foi a Avinhão para celebrar a vitória do rei Luís XIII contra os protestantes do Sul. No dia 8 de novembro de 1622, Francisco – que já estava muito doente – embarcou num vaporzinho, apesar de as águas do rio Ródano estarem agitadas e geladas, e de soprar um vento muito forte. Fazendo uma escala em Lião no dia 10 de novembro, ele não pôde continuar a viagem por falta de passaporte.

À espera que seus domésticos providenciassem o documento, o bispo teve que esperar uma hora na beira do rio, exposto ao vento gelado. Como os que o acompanhavam começaram a perder a paciência e ficar indignados pela maneira como o proprietário da embarcação o tinha tratado, Francisco disse-lhes: “Ele conhece o seu ofício de piloto; somos nós que não sabemos cumprir o nosso de viajantes!”. Quando subiu a bordo, munido de passaporte, Francisco foi sentar-se perto do piloto, porque – dizia – “Quero fazer amizade com este bom homem e falar-lhe um pouco de Nosso Senhor”¹⁰⁸.

No leito de morte, Francisco teve uma crise de apoplexia. Vendo a piora da doença, chamaram os médicos. Mais para carneiros do que para médicos, infligiram sofrimentos horríveis e desumanos ao pobre bispo, que não tinha perdido a consciência: por duas vezes lhe aplicaram o ferro em brasa na nuca e uma vez o assim chamado “botão de fogo” na parte superior do crânio, que penetrou até o osso. A dor intensa arrancou lágrimas ao pobre enfermo, mas ele suportou tudo sem se lamentar. Quando lhe per-

¹⁰⁸ Cf. AS, 28 de novembro.

guntaram se sofria muito (pergunta inútil!), respondeu com doçura: “Sim, sinto muita dor, mas façam tudo o que lhes parecer conveniente”. No dia 28 de dezembro de 1622, festa dos Santos Inocentes, Francisco de Sales morreu aos 55 anos de idade e 20 de episcopado¹⁰⁹.

No processo de beatificação, o senhor Rolland, que o acompanhara por toda parte, referiu as últimas palavras do bem-aventurado Francisco antes de morrer: “Não chorem, é preciso conformar-se com a vontade de Deus. Vivam em paz e sem medo!”¹¹⁰.

“Plantem no seu coração Jesus crucificado, e todas as cruzes do mundo parecerão rosas; quem se deixar pungir pelos espinhos da coroa de Nosso Senhor, que é nossa Cabeça, não sentirá os outros espinhos”.

São Francisco de Sales (O, XVIII, p. 211).

São Francisco de Sales foi perfeito imitador de Cristo em suportar com paciência e constância os defeitos dos outros: jamais se queixava, nem corrigia o próximo com dureza ou intransigência. Inspirando-se na caridade de Cristo, Francisco escreveu esta magnífica exortação: “Nosso Senhor nos ama sem romper sua relação conosco e suporta nossos defeitos e imperfeições, embora não goste deles e ainda menos os favoreça. Em conclusão, devemos imitar a caridade do Senhor no relacionamento com os irmãos. Nunca nos cansemos de suportá-los, embora evitando com cuidado favorecer ou amar suas imperfeições. Pelo contrário, procuremos ajudá-los a destruí-las na medida em que nos for possível, imitando a Bondade divina.

¹⁰⁹ Cf. B, III, Cap. XIV, p. 126.

¹¹⁰ Depoimento de Jorge Rolland: PI, 52.

Deus nos ama para o paraíso, de modo que a alma lhe interessa mais do que o corpo: façamos nós o mesmo. Amar o próximo com vistas à eternidade significa propiciar-lhe graças e bênçãos mediante a oração, estimulando-o ao exercício das verdadeiras virtudes por meio das palavras e do bom exemplo.

Por isso, alegremo-nos pelas graças e bênçãos espirituais que Deus concede aos nossos irmãos, muito mais do que por bens caducos que eles possam obter, como honras, riquezas e outras vantagens efêmeras”.

São Francisco de Sales, *Sermon pour le 17e dim. après la Pent.*, e em *Oeuvres*, Annecy 1897, t. IX, 199-201.

6

UM AMOR OFENDIDO QUE SE VINGAVA PERDOANDO

“Dizia-se comumente que não havia meio melhor para conquistar seu favor do que maltratá-lo, e que esta era a única vingança que ele sabia tomar... Tinha um coração totalmente inocente; jamais praticou algum ato por malícia ou amargura do coração. Nunca se viu um coração tão doce, tão humilde, tão bondoso, tão gracioso e tão afável como o seu”.

Santa Joana de Chantal.

Uma noite de 1611, um advogado medíocre, chamado Pellet, armado com uma espada, feriu gravemente o oficial Filiberto Roger, para vingar um seu amigo padre que fora preso por mau comportamento. Como o bispo de Genebra afixara na porta da catedral a sua decisão de excomungar o culpado, aquele homem violento foi pessoalmente arrancar o decreto do bispo, depois de recobri-lo de lama e de excrementos.

Pellet jurou matar o bispo e, de fato, disparou vários tiros com arma de fogo contra as janelas do bispado. Além disso, deixou-se levar por tal ódio vingativo que pregou na porta da Visitação um manifesto indecente, que dizia: “Lupanar do bispo de Genebra”¹¹¹. A Madre Chantal quis

¹¹¹ Depoimento de Antônio Bouvard: *PI*, 31; Antônio Dunant: *PI*, 31; outras testemunhas: *PI*, 31, 34.

denunciar o ocorrido à justiça, mas o bispo não permitiu. Para as irmãs, como para ele, era mais digno responder com o silêncio. O autor do cartaz injurioso estava carregado de animosidade em relação ao bispo, mas ninguém sabia exatamente qual fosse o motivo.

Um dia, encontrando-o pelo caminho, Francisco tomou-o pela mão e lhe disse: “O senhor me quer mal e de todas as formas procura prejudicar a minha boa fama. Não é necessário que me peça desculpas porque é como se já tivesse apresentado. Todavia, se me tivesse afogado ou arrancado um olho, nem por isso deixaria de olhá-lo amorosamente com o que me tivesse sobrado”¹¹².

O Senado de Chambéry, sabendo do ocorrido, mandou prender o infeliz advogado à espera de um processo que, segundo a legislação do tempo, devia encerrar-se com a sentença de morte. Francisco ficou horrorizado diante dessa eventualidade e fez de tudo para salvar a vida daquele homem. Levado por grande compaixão, encaminhou uma petição de clemência ao duque e conseguiu que o condenado fosse agraciado. O santo bispo o perdoou ainda mais de bom grado, ao saber que Pellet era pai de numerosa família”¹¹³.

Uma noite de inverno (13 de janeiro de 1616), um gentil-homem do lugar, que Francisco repreendera várias vezes pela sua conduta imoral, levou consigo dois cães que, sob as janelas da casa do bispo, latiam sem parar. Junto com outros companheiros, o jovem nobre passou a noite fazendo

¹¹² Cf. *C-A*, II, p. 90.

¹¹³ Depoimento de diversas testemunhas: *PI*, 31, 34. - Cf. *B*, III, Cap. X, pp. 86-88.

todo tipo de barulho; ninguém foi capaz de opor-lhe qualquer resistência.

O insolente, entre outras coisas, mandou que seus criados puxassem as orelhas dos cães, dessem tiros de pistola no ar para que os cães latassem ainda mais, e fez soar as trombetas de chifre como se estivesse caçando. Todo aquele estardalhaço era insuportável e os domésticos do bispo se viram obrigados a intervir para acabar com tudo aquilo; Francisco, porém, proibiu que o fizessem: “Não, não, deixem estar, essa gente tem que suportar mais do que nós: nós, pelo menos, estamos aqui dentro, aquecidos, sem passar frio. Esses coitados não são também dignos de compaixão? Se a graça de Deus não nos assistisse, poderíamos fazer pior!”.

Como não pôde dormir por um momento, pois os de fora atiravam pedras contra as janelas e por causa do barulho que homens e cães aprontavam, o bispo levantou-se e começou a rezar por eles. Por sorte, essa loucura toda acabou depois de alguns dias, graças à calma e à compaixão que Francisco provou ter pelo autor dessas desordens. De fato, encontrou-se com o culpado pelo caminho e lhe falou com tal doçura que seu olhar se tornava luminoso. O outro, comovido pelo sorriso afetuoso e pelas palavras suaves do bispo, se arrependeu e confessou que a clemência de Francisco tinha sido mais eficaz para a própria conversão do que poderiam ter sido cem pregadores¹¹⁴.

Donde provinha essa prontidão em perdoar e essa capacidade de manter a calma interior diante de qualquer adversidade? São Francisco de Sales nos revela o segredo

¹¹⁴ Cf. *C-A*, II, p. 124. - *AS*, I, p.1 313. - *B*, X, pp. 88-89.

com estas palavras: “Quanto a mim, não me lamentei absolutamente, e tinha perdoado a insolência com todo o meu coração, a qual, sem dúvida, foi praticada com premeditação e sem que eu jamais tivesse ofendido ninguém; mas sei com certeza que é preciso dissimular muito e desprezar todas as ofensas possíveis; com esse método, conserva-se a paz e por fim se conquistam os corações mais revoltados”¹¹⁵.

Uma bela viúva, Senhora de Mouxy¹¹⁶, tinha acabado de entrar para a Visitação a fim de fazer-se religiosa, quando um jovem nobre, fogosamente enamorado por ela, foi contestar junto ao bispo sua decisão.

“Senhor – respondeu Francisco – tenha a paciência de examinar a coisa: verá que não fui eu o conselheiro desta senhora; eu unicamente aprovei sua opção”.

Como o jovem se enfureceu e ameaçou pôr abaixo as portas, sequestrar a bela Mouxy e incendiar o mosteiro, o bispo voltou a falar-lhe com muita calma:

- “Senhor, eu ficaria contente se me dissesse em voz baixa todas as injúrias que quiser; posso dar-lhe garantias de que ninguém o saberá!”.

- “E eu ficaria muito satisfeito – retrucou o jovem enamorado – se o povo soubesse a pouca estima que tenho do senhor”.

- “Da minha parte, também ficaria muito satisfeito – respondeu o bispo – se o desprezo que o senhor tem por

¹¹⁵ Cf. *O*, XIX, p. 406.

¹¹⁶ Maria de Mouxy, nascida provavelmente em 1582, viúva do Senhor d’Escrilles, entrou para a Visitação em junho de 1614.

mim se tornasse um cumprimento respeitoso à sua pessoa”¹¹⁷.

Aquele cavalheiro, porém, voltou ao mosteiro com a sua gente e se pôs a atormentar as irmãs com pedradas e insultos, das onze da noite até as duas da madrugada...¹¹⁸.

O bispo de Genebra dizia que, para um sacerdote, “a ciência é o oitavo sacramento da hierarquia da Igreja”. Por isso, ele nunca aceitaria confiar a cura de almas a sacerdotes ignorantes, embora fossem recomendados por poderosos protetores. E assim, em 4 de novembro de 1615, num concurso para confiar uma paróquia¹¹⁹, descartou um gentil-homem que lhe tinha sido recomendado pelo duque da Savoia, Carlos Emanuel. Aquele jovem, Senhor de Châtelard¹²⁰, cheio de orgulho e pretensão, apresentou-se ao bispo esperando obter o encargo de pároco em Scionzier.

De fato, o gentil-homem se dava muita importância por ser de família nobre e rica. Como pretendia saber de tudo, o bispo quis colocá-lo à prova, pedindo-lhe que comentasse um texto extraído das Sagradas Escrituras. Para isso, escolheu uma passagem particularmente pertinente: o texto em que se condena a atitude ambiciosa de uma mãe

¹¹⁷ Cf. *RG*, p. 146.

¹¹⁸ Cf. *AS*, 249-252. - Depoimento de J. D. Meda: *PI*, 28.

¹¹⁹ No século XVI, os seminários ainda não existiam e os candidatos ao sacerdócio se preparavam privadamente sob a guia de um sacerdote. O bispo de Genebra tinha instituído um concurso, com data fixa, a fim de que o ofício de pároco fosse reservado somente a candidatos merecedores de confiança. Pode-se imaginar a cólera de quem era rejeitado, particularmente se provinha da nobreza.

¹²⁰ Pierre François de Roussillon (1578-1634).

que pedia a Jesus os melhores lugares para os seus dois filhos, que um sentasse à sua direita e o outro à sua esquerda. O candidato, infelizmente, não teve condições de fazer corretamente a tradução, nem de comentar o conteúdo. Então, o bispo, inspirando-se na resposta que Jesus deu à mãe dos filhos de Zebedeu, disse ao jovem: “Também o senhor não sabe o que está pedindo!” (Cf. Mt 20,20-22).

Alguns dias mais tarde, o jovem orgulhoso, não satisfeito com a lição recebida, foi à catedral e insultou pesadamente o bispo durante a celebração. Francisco, compadecido por aquele jovem importuno, teve que intervir pessoalmente junto aos cônegos para que não fosse preso e punido.

Era sabido de todos que a bondade do bispo não tinha limites. Alguns anos depois, o bispo procurou para o tal jovem uma ótima colocação junto aos Príncipes da Savoia. Assim, difundiu-se este provérbio: “É preciso ofender o santo bispo de Genebra para receber dele toda espécie de benefícios”¹²¹.

Francisco tinha a maravilhosa faculdade de sentir-se sempre à vontade com qualquer um dos seus interlocutores e em qualquer lugar. Esta atitude de abertura e de delicadeza era particularmente evidente com pessoas que o tivessem ofendido.

Havia certo homem que andava espalhando fofocas a respeito do bispo, acusando-o de ir de cá para lá fazendo festas e de divertir-se na casa de alguns párcos. Francisco,

¹²¹ Cf. *O*, XVII, pp. 83-84. - De La Rivière L., *La vie de l'Illustrissime François de Sales*, Lyon 1625, p. 421.

informado, chamou o tal homem e lhe perguntou o motivo pelo qual estava espalhando essas mentiras. Todavia, as palavras de Francisco, ditas com amorosa confiança e em tom amável, impressionaram profundamente aquele senhor. Tomado de vergonha e arrependimento, acabou se confessando:

- “Senhor bispo, vejo que tem o dom de ler nos corações; eu sou filho de um médico de Genebra e fui enviado pelos ministros protestantes para espia-lo e referir a eles o que o senhor faz e diz por aí”.

- “Meu filho – respondeu Francisco – eu ando à procura das minhas ovelhas, e o senhor é uma delas!”.

Dito isso, Francisco abraçou afetuosamente o homem, que começou a chorar, se ajoelhou aos pés do bispo e suplicou-lhe que o acolhesse na Igreja Católica. O bispo, depois de dez dias de preparação, recebeu a abjuração daquele afortunado senhor, que, por graça de Deus, encontrou os braços de um pai tão misericordioso¹²².

Tinha cem por cento de razão Francisco de Sales ao recomendar a doçura como meio para converter o coração dos pecadores: “Cultivem a doçura de coração o mais que puderem – dizia o santo bispo – e lembrem-se de que se pegam mais moscas com uma colher de mel do que com cem barris de vinagre; se o espírito humano se endurece com a severidade, a tudo ele se dobra com a doçura”¹²³.

¹²² Cf. *B*, III, Cap. VI, pp. 45-46.

¹²³ *Esprit de saint François de Sales, Extraits* de J.-P. Camus, évêque de Belley, Desclée, Paris 1908, p. 295.

O humilde Francisco de Sales teria preferido sumir por baixo da terra antes que se deixar retratar. Como sempre recusou posar diante de um pintor retratista, o capelão do bispo, Michel Favre, decidido a “arrancar” dele esse favor, disse-lhe: “Senhor bispo, o senhor é a causa de muitos pecados de murmuração recusando deixar-se pintar, quando são tantos os que pedem um retrato seu”. O bispo, para não alimentar o mau humor e a tristeza dos seus diocesanos, acabou cedendo, e respondeu: “Muito bem, deixemos então que se faça a pintura deste homem terrestre, contanto que se reze muito para que eu possa formar em mim a imagem do Pai celeste”.

Assim, pois, foram em busca de um pintor para fazer o retrato do bispo de Genebra; encontraram um que, embora se considerasse um grande artista, de fato não estava à altura da tarefa encomendada. A sessão concedida pelo bispo talvez foi muito breve para permitir ao artista expressar o melhor de si mesmo e, como se previa, o resultado foi bem outra coisa do que uma obra-prima. Constatando a pouca semelhança da pintura com o original, o pintor, todo confuso, voltou a suplicar ao bispo: “Senhor bispo, eu vim pedir-lhe em nome da caridade e da verdade que me conceda outra sessão para fazer o seu retrato. Por favor, em nome da caridade, para eu poder ganhar a vida, aceite posar numa segunda sessão; e também em nome da verdade, pois não posso mentir aos compradores que quererão uma pintura mais fiel”. O bispo sorriu dizendo que naquelas motivações descobria “mais engenho do que ingenuidade”; em seguida posou por duas horas sem se mexer. Terminado o trabalho, o pintor quis agradecer-lhe e disse:

- “Senhor bispo, o senhor fez uma grande obra de caridade para comigo”.

- “E o senhor – replicou, sorrindo, o bispo – me impôs uma grande penitência! Só posso perdoá-lo se prometer não voltar mais!”¹²⁴.

Uma vez, alguém ofendeu gravemente o bispo de Genebra, mas ele respondeu às ameaças e injúrias com o silêncio. O vigário geral se admirou em ver que Francisco não abriu a boca para responder àquelas insolências. O bispo disse: “Fiz um pacto com a minha língua: ela deverá absolutamente calar enquanto o meu coração estiver turbulento e não responderá a nada do que poderia excitar-me à cólera”. O método do santo bispo deu frutos depois de alguns dias: de fato, o homem, agora calmo, foi pedir perdão ao bispo¹²⁵.

A paciência e a misericórdia incansáveis de Francisco nem sempre eram bem compreendidas por todos; pelo contrário, havia quem visse nisso só fraqueza, senão pecado: “Francisco de Sales irá certamente para o paraíso – dizia o prior de Talloires, depois que Francisco perdoou os monges que tinham tentado assassiná-lo (o prior) – mas o bispo de Genebra, não sei porque ele não castiga nunca ninguém!”¹²⁶.

“Querida Filoteia, [...] a primeira palavra que Nosso Senhor disse sobre a cruz, sem dúvida fará surgir na sua alma um afeto

¹²⁴ O episódio ocorreu em 15 de junho de 1618: cf. *B*, III, Cap. VIII, pp. 77-78. - *O*, XVIII, p. 237. - *RG*, p. 25. - *AS*, VI, p. 367.

¹²⁵ *Cr.B*, III, Cap. X, p. 90.

¹²⁶ *San Francesco di Sales*, LDC, Turim-Leumann 1967, p. 66.

que a levará à imitação, ou seja, ao desejo de perdoar e amar os seus inimigos. Eu lhe digo que isto é pouco, se não acrescentar um propósito deste tipo: Coragem, então, de agora em diante não me ofenderei mais com certas palavras pesadas do vizinho ou da vizinha, do meu criado ou da minha doméstica; e nem mesmo das injúrias horríveis que me foram feitas por aquele tal. Pelo contrário, farei esta ou aquela gentileza para conquistá-lo, e assim com todos”.

São Francisco de Sales, *Filotea, Introduzione alla vita devota*, II, 6, op. Cit., p. 80-81.

7

UM HOMEM QUE FAZIA AMIZADE COM GRANDES E PEQUENOS

“É preciso que eu lhe faça esta pequena confidência: não há no mundo pessoa que tenha um coração tão terno e tão afeiçoado às amizades mais do que eu”.

São Francisco de Sales (*O*, XXI, p. 33).

Entre os amigos e filhos espirituais de São Francisco de Sales, além de Joana de Chantal e das religiosas da Visitação, havia São Vicente de Paulo, grande apóstolo da caridade. Vicente sentiu-se literalmente fascinado por aquele homem que se impunha pela sua sabedoria, serenidade, humildade evangélica, equilíbrio interior que transparecia de toda a sua pessoa.

Entre os dois nasceu uma amizade cordial e fraterna. São Vicente, profundamente impressionado pela doçura do seu amigo, deu este testemunho: “Sua bondade era tão suave que as pessoas que gozavam do privilégio de entreter-se com ele sentiam que ele penetrava docemente no seu coração, e a alegria que provavam era realmente imensa. Eu também tomei parte de tão grande dileção. Lembro que, acamado por doença (em torno de 1622), repetia a mim mesmo: Como é grande a bondade divina! Meu Deus, como sois bom! Como sois bom, meu Deus, se o bispo Francisco

de Sales, vossa criatura, está repleto de tanta bondade”¹²⁷. O próprio São Vicente, depois, a pedido de Francisco, será o pai espiritual das visitandinas de Paris até sua morte, por mais de 40 anos¹²⁸. Também é conhecida a amizade de São Francisco de Sales com São Roberto Bellarmino, com Pierre de Bérulle e muitos outros ainda.

Durante sua missão de pregador, em 1604, em Dijon, conheceu a nobre Senhora Joana Francisca Frémot, viúva do barão de Chantal, com quem iniciou uma correspondência epistolar e uma profunda amizade que desembocou na fundação da Ordem da Visitação. Da correspondência entre os dois santos, pode-se extrair alguma pérola, como esta: “Não há nada a temer numa tentação, enquanto a tentação lhe desagradar”, escreve Francisco de Sales à sua filha espiritual.

O que dizer da amizade que o liga à Senhora de Chantal? Foi uma das mais santas que já uniram dois corações humanos. A amizade espiritual que liga o bispo à sua filha é, de fato, um dom de Deus que Francisco exprime nesta carta: “Nada lhe direi da grandeza do meu coração em relação à senhora, mas posso garantir-lhe que ele está situado bem no alto, acima de qualquer comparação; e este afeto é mais branco do que a neve, mais puro do que o sol: é por isso que soltei as rédeas..., deixando-o correr livremente... Este afeto é como um orvalho que umedece o meu cora-

¹²⁷ Saint Vincent de Paul, *Correspondence - Entretiens - Documents*, Paris 1921-1923, XIII, p. 28. - Coste P., *Le grand saint du grand siècle Monsieur Vincent*, Desclée De Brouwer et Cie Éditeurs, tomo I, Paris 1934, p. 159.

¹²⁸ Faleceu em 1660, isto é, 38 anos depois de Francisco de Sales.

ção silenciosamente e sem qualquer impulso. E se quiser saber tudo, digo-lhe que ele não era tão sereno nos inícios, quando Deus me concedeu esse dom; agora, sem dúvida, é infinitamente forte e, me parece, se torna sempre mais forte, mas sem impulsos ou impetuosidade”¹²⁹.

Muito tocante é o encontro do bispo de Genebra e uma das primeiras visitandinas: Ana Jacomina Costa. A jovem foi a Genebra como camareira, depois se transferiu para o albergue “Escudo de França”, onde o bispo se hospedou dois anos mais tarde.

O santo admirou o candor daquela bela alma e lhe perguntou:

- “Gostaria de fazer a comunhão?”.

- “Oh! Senhor bispo, seria a minha maior alegria. Mas como fazer, se o senhor não pode celebrar em Genebra?”

O bispo abriu a batina sobre o peito e tirou dali uma teca de prata pendurada ao pescoço, tomou a partícula, e Ana Jacomina se ajoelhou. De repente ela perguntou:

- “Senhor bispo, não temos acólito, como se faz?”

- “Minha filha – respondeu Francisco com um sorriso – o meu Anjo da Guarda que está entre nós dois e o seu que está a seu lado farão o papel de acólitos”¹³⁰.

Dizia Jesus aos seus apóstolos: “Não vos chamo mais servos [...] mas amigos...” (Jo 15,15). Movido pelo exem-

¹²⁹ O, XIII, p. 182.

¹³⁰ Papàsogli G., *Come piace a Dio - Francesco di Sales e la sua grande figlia*, Città Nuova, Roma 1995, p. 399.

plo e pelo amor de Jesus pelos seus, o bispo de Genebra tratava os seus domésticos como seus amigos, amando-os e suportando com paciência também as suas pequenas falhas.

Caso fosse necessário intervir para corrigi-los de algum defeito, fazia-o com doçura e sempre no momento mais oportuno.

Abrindo de repente uma porta, Francisco descobriu seu fiel doméstico Favre que, surpreendido pela sua chegada, escondeu imediatamente uma carta que estava escrevendo.

“O que está escrevendo? – perguntou o bispo – Não sou por acaso seu amigo? Por que não quer me mostrar?” O camareiro então confessou que amava uma viúva das vizinhanças, Mérode Gard, e que pensava em contrair matrimônio com ela. O bispo quis ler a carta e depois concluiu, sorrindo: “O senhor não está conseguindo se explicar como convém!” Sentou-se, pegou a pena e escreveu ele mesmo um bilhete, depois disse: “Pronto, copie isto aqui; assine e mande e verá que tudo correrá bem”.

Alguns dias depois, uma jovem viúva, comovida pela delicadeza daquela carta, foi ver o bispo para lhe pedir um conselho; ele a animou a contrair aquele feliz matrimônio¹³¹.

Francisco tinha um camareiro que não gostava de dormir muito tarde. Como, porém, não queria deitar-se antes que o bispo tivesse terminado seus trabalhos, via-se obrigado a ficar acordado. O bispo, muito compreensivo, convi-

¹³¹ O. XVI, p. 142. - Cf. *RG*, p. 27. - *H-C*, p. 283. - *T*, p. 526. - Pettinati G., *San Francesdo di Sales Vescovo e Principe di Ginevra*, op. cit., p. 289.

dava-o a deitar-se logo para que não ficasse aborrecido em ter que esperar. “Então o senhor me considera um dorminhoco ou preguiçoso?”, resmungava, irritado, o doméstico. Por isso, Francisco, para não aborrecê-lo, se apressava em terminar o que estava fazendo.

De manhã, o camareiro se apresentou com os olhos ainda inchados de sono, porque tinha acabado de acordar.

- “Quem ajudou o senhor a se arrumar?”, perguntou a Francisco.

- “Eu mesmo – responde o bispo – por acaso não sou bastante grande e forte para me vestir sozinho?”

- “Que lhe custava chamar-me?”, resmungou o doméstico.

- “Garanto-lhe que o chamei diversas vezes; cheguei até perto de sua cama, e o vi dormindo tão profundamente e com tanto gosto que não tive coragem de acordá-lo”.

- “Mas então o senhor está me levando na troça!”, respondeu o criado.

- “Oh! Meu amigo, eu não disse isso para levá-lo na troça, mas para brincar um pouco com o senhor. Fique tranquilo quanto ao futuro; prometo-lhe que, daqui para frente, dado que assim quer, não me arrumarei mais sozinho. Irei acordá-lo e obrigá-lo a se levantar”¹³².

Francisco conservou a vida inteira uma familiaridade afetuosa com o seu velho preceptor, padre Déage. Quando este adoeceu gravemente e chegou em ponto de morte, recebeu do bispo cuidados amorosos, cuja dedicação e assi-

¹³² *H*, II, p. 523. - Depoimento de Jorge Rolland: *PI*, 31.

duidade eram proporcionais ao afeto que lhe manifestava. A morte de Déage foi uma grande provação para Francisco.

Durante a missa das exéquias, o bondoso bispo sentiu tanta dor que lhe corriam as lágrimas e respirava afanosamente; no momento de entoar o “Pai-Nosso” não conseguiu falar porque os soluços o sufocavam. No final da missa o capelão lhe perguntou por que tinha chorado tanto. O bispo explicou: “Foi porque me lembrei que este homem, realmente pio, foi quem por primeiro me ensinou a rezar o Pai-Nosso”¹³³. É mesmo assim que os santos amam!

Havia no bispado certo Francisco Favre, doméstico, que parecia ter nascido de propósito para pôr em relevo a bondade e a paciência do santo bispo.

Uma noite, desobedecendo às suas recomendações – que não queria que o pessoal de casa saísse de noite – aquele doméstico se deixou levar para uma taberna e se embriagou! Ao voltar para casa, encontrou a porta fechada, pois todos já dormiam. Por sorte, o bispo ainda não tinha deitado – talvez o esperasse – e foi ele que desceu para abrir a porta. Como o bêbado não conseguia ficar de pé, o bondoso bispo o amparou e levou até seu aposento, preparou-o para dormir e o ajudou a deitar. Somente no dia seguinte o doméstico recebeu a admoestação que merecia, mas as palavras do bispo foram tão doces que o culpado se arrependeu sinceramente e prometeu que no futuro nunca mais se embriagaria. E assim foi”¹³⁴.

¹³³ Cf. *B*, III, Cap. VIII, pp. 75-76.

¹³⁴ Cf. *RG*, p. 133.- *H-C*, p. 283. - *T*, p. 526.

Em 1622, último ano da sua vida terrena, o bispo de Genebra viajou para Lião e parou na cidade de Valence para passar a noite. O albergue “Petit Paris”, infelizmente, só tinha para oferecer ao ilustre hóspede e ao seu ecônomo, Jorge Rolland, um quarto e uma cama. Francisco, que tinha grande amizade com Rolland, deixou para ele o colchão; ao passo que ele mesmo decidiu dormir no chão, deitado com a roupa que usava, sobre uma enxerga de palha¹³⁵.

“Uma amizade que deixa o amigo morrer sem prestar-lhe ajuda, é uma amizade frágil e ruim; ver um amigo morrer de um tumor e não ter a coragem de intervir com o bisturi da correção para salvá-lo, não é amizade!”.

São Francisco de Sales, *Filotea*,
Introduzione alla vita devota, III, 22, op. cit., p. 197.

¹³⁵ Cf. AS, XI, p. 733.

8

UM SANTO QUE FAZIA MILAGRES POR AMOR DOS HOMENS E PARA A GLÓRIA DE DEUS

Nem todas as graças que Deus concede a Francisco podem ser mantidas em segredo. De fato, como poderia esconder tantos fatos extraordinários: libertação de possessos, profecia e leitura nas almas, curas de paralíticos ou doentes... até mesmo ressurreição de uma morta? Esses milagres continuaram por muito tempo também depois de sua morte, junto a seu sepulcro ou a distância¹³⁶.

Um dia, atravessando a rua “Notre Dame”, o bispo de Genebra encontrou a mulher de Jaques Decrouz, tabelião, que carregava nos braços a filhinha de nome Pierina. Como já era o terceiro mês que a menina sofria de febre persistente, seu estado de fraqueza inspirava pena e preocupação pela sua vida. O santo bispo, vendo a pobre criatura tão enfraquecida e tremendo, tomado de compaixão, tocou seu rostinho e a abençoou dizendo: “O Senhor te restabeleça, filhinha!”, depois continuou o seu caminho. Naquele instante, a menina recobrou a saúde¹³⁷.

¹³⁶ Archivi Visitazione di Annecy, *Raccolta di circolari*, t. I, p. 573.

¹³⁷ Cf. B, III, Cap. IX, p. 81. - De La Rivière L., *La vie de l'Illustrissime François de Sales*, Lião, op. cit., p. 494.

Outro dia, foi levado ao santo bispo um jovem paralítico cujos membros eram deformados desde o nascimento. “Vocês pensam que eu seja um santo, mas não sou – disse o bispo – todavia, farei o que me pedem. Muitas vezes a bondade de Deus atende a fé daqueles pelos quais se reza”. Francisco quis confessar o doente antes de convidá-lo a receber a comunhão. Depois de ter recebido a santa Eucaristia, o bispo depôs a casula e tomou o jovem pelas costas; este se levantou imediatamente em pé, ereto e completamente curado. Pôde voltar para casa a cavalo, enquanto antes devia ser carregado pelos familiares¹³⁸.

Sete ou oito doentes irromperam no albergue Favre, declarando-se possuídos pelo demônio e insistiam para que o bispo viesse libertá-los. Como o bispo os observava longamente em silêncio, interveio o Senhor Rolland e disse: “Senhor bispo, não diz nada a esta pobre gente? Eles têm plena confiança no senhor e esperam que diga alguma coisa: bastariam só quatro ou cinco palavras!”

“Pois bem – respondeu Francisco – falarei com eles”. Depois, voltando-se para as pessoas presentes, acrescentou, rindo: “Vejam, estou contente de que Rolland me ensine a fazer milagres!”

O bispo saiu, tocou os doentes e os abençoou. Os doentes se declararam curados graças à intervenção do bispo e voltaram para casa¹³⁹.

¹³⁸ Cf. *B*, III, Cap. IX, p. 83. - *C-A*, II, p. 165. - *T*, p. 529.

¹³⁹ Cf. *C-A*, II, p. 87.

Após sofrer violentos acessos de febre, um sacerdote de Rumilly teve um surto tão furioso que era preciso amarrar-lhe as mãos e os pés. Apesar dessas precauções, o pobrezinho fugiu de casa e girava de cá para lá assustando as pessoas, que ficavam estupefatas. Capturado novamente, foi levado a Annecy e trancado num quarto. O bispo, sabendo do ocorrido, foi até o padre, chamou-o para perto de si e depois, passando a mão através da grade de ferro como para acariciá-lo, tocou-o e o exortou a agradecer a Deus pela sua cura, e mandou que fosse imediatamente posto em liberdade.

O sacerdote, curado instantaneamente, se alegrou em recuperar o juízo; nunca mais recaiu naquela terrível doença¹⁴⁰. O bispo obteve a cura de muitos outros dementes, como as que ocorreram na região de Faucigny, em Premery e Annecy¹⁴¹.

A publicidade que o povo fazia comentando esses milagres não agradava absolutamente a Francisco. “Vejam – dizia – este bom povo, com todos os seus louvores e com a sua estima, me levarão a sofrer no purgatório, em vez de rezar pela minha pobre alma, quando morrer. É isso o que ganharei com essa fama”¹⁴².

O bispo de Genebra, hóspede da abadia de Sixt, era procurado por muitos visitantes, a tal ponto que os monges não conseguiam mais dar de comer a todos os que vinham procurá-lo. Sentindo-se pouco à vontade pelo incômodo e

¹⁴⁰ Cf. *B*, III, Cap. IX, p. 82.

¹⁴¹ *Ibid.*, pp. 82-83.

¹⁴² Citado por *H-C*, p. 286.

pelas despesas que recaíam sobre a comunidade, Francisco pediu aos religiosos que preparassem a mesa com o que tinham no momento, prometendo-lhes que Deus se encarregaria de compensar o prejuízo sofrido.

Deus ouviu a oração do seu servo e respondeu com um belo milagre que recorda a multiplicação dos peixes e dos pães feita pelo próprio Jesus. Havia um regato que atravessava o território da abadia, mas em suas águas não se viam mais do que poucos peixes. Depois da oração do Santo, porém, não somente os peixes foram superabundantes, mas também o pão e o vinho não diminuíram de quantidade depois que os convidados comeram à vontade. Os monges encontraram na despensa provisões em abundância como se o bispo fosse seu único hóspede¹⁴³.



¹⁴³ CVf. B, III, Cap. IX, pp. 83-84.

Outra vez, no verão, Francisco de Sales viajava através das montanhas da região de Faucigny, quando ele e seus companheiros sentiram muita sede. Por isso, decidiram parar num pequeno albergue para descansar e matar a sede. Pediram vinho ao dono do albergue, mas ele respondeu que não tinha, pois que o vinho da cantina tinha azedado e deveria ser jogado fora. Francisco mandou trazer um pouco desse vinho e, após tê-lo provado, de repente o vinho assumiu um sabor excelente e todos beberam, até o dono do albergue, que não conseguia acreditar. Não somente o vinho servido à mesa era ótimo, mas também o que tinha ficado na cantina¹⁴⁴.

O depoimento da Ir. Maria Adriana Fichet, sétima religiosa da Ordem da Visitação, e as Memórias do antigo pároco de São Maurício de Annecy, referem as circunstâncias da cura milagrosa de Madre Chantal, ocorrida em 1613.

Uma vez, a fundadora se sentiu gravemente debilitada por causa de uma febre muito alta. Francisco, então, mandou pedir ao pároco de São Maurício que lhe trouxesse a relíquia de São Brás. Depois de rezar, o santo bispo impôs a relíquia sobre a doente e ela, instantaneamente, se curou. Tomada de entusiasmo, a boa Ir. Fichet, um tanto exaltada e sem pensar, deixou escapar estas palavras: “Não era necessário ir buscar um santo armênio do século IV; se o senhor bispo quisesse, teria curado a nossa madre da mesma maneira!”.

Francisco corou e, com as lágrimas nos olhos, repreendeu severamente a irmã, impondo-lhe como penitên-

¹⁴⁴ B, III, op. cit., p. 84.

cia que pedisse perdão a São Brás por ter falado dele sem devoção e respeito, e que jejuasse por três anos na vigília da sua festa”¹⁴⁵.

Aqui falaremos dos principais milagres obtidos pela intercessão do santo bispo de Genebra. A informação consiste no depoimento, sob juramento, da Madre Chaugy, superiora da Visitação na época da beatificação de Francisco de Sales.

Sem querer pôr em dúvida a convicção pessoal da Madre Chaugy, convém relativizar o anúncio de algumas das curas relatadas como milagres autênticos. De fato, naqueles tempos, por falta de conhecimentos médicos e psicológicos, gritava-se facilmente por milagre!

Note-se que Chaugy se limitou a registrar o testemunho das pessoas que afirmavam terem sido curadas pelo santo bispo de Genebra. Eis o relatório das curas: ressurreições de mortos (37), curas de surdos-mudos (19), leprosos (2), cegos (20), paralíticos (120), pessoas sofrendo da gota (14), doentes de males incuráveis (34), ulcerosos incuráveis (52), deficientes nos membros inferiores (50), epiléticos (19), hidrópicos (13), pessoas com problemas mentais (37), salvos após afogamento (10), gestantes em perigo de morte (80), doentes de febres pestilenciais (mais de seis mil).

Seja qual for a real substância desses fatos relatados como milagres, o testemunho da Madre Chaugy revela, tanto a grande confiança do povo na intercessão de São Francisco de Sales, quanto o conforto que as pessoas provavam ao entrar em contato com o santo bispo por meio da fé.

¹⁴⁵ Cf. Bourgaud, *Histoire de Sainte Chantal e des origines de la Visitation*, op. cit., I, p. 498. - Cf. RG, p. 28.

Jerônimo Genin era um adolescente de 15 anos que se aventurou imprudentemente sobre uma pequena ponte, perdeu o equilíbrio e caiu nas ondas impetuosas de um riacho que crescera improvisamente por causa do derretimento da neve. O pobrezinho, em poucos instantes, foi engolido pelas ondas, arrastado pela correnteza, e ninguém conseguiu salvá-lo.

Depois de oito horas de procura, foi encontrado o corpo do jovem, porém, sem vida! O cadáver estava lívido, o rosto enegrecido, a boca cheia de sangue e de areia, e o corpo cheio d'água. Ouvindo a triste notícia, o pároco de Ollières correu para Annecy e prometeu celebrar uma novena de missas junto ao túmulo de São Francisco de Sales e foi rezar junto ao corpo do falecido. Cerca de 26 horas após a morte trágica de Jerônimo, dado que o corpo já exalava mau cheiro, decidiu-se celebrar as exéquias, mas, de repente, os que estavam presentes viram o braço do rapaz se levantar e a vida reanimar seu corpo. O jovem então exclamou: “Ó bem-aventurado Francisco de Sales! É ele que me ressuscitou!”. De fato, o menino contou que no momento em que recobrou os sentidos, aparecera-lhe São Francisco de Sales, radiante, sorrindo-lhe docemente¹⁴⁶.

Não menos espetacular foi a cura de um cego de nascença da paróquia de Arit, chamado Cláudio Marmot. Pelo testemunho de treze médicos de Annecy sabemos que o enfermo, não somente não via, mas nem tinha os olhos

¹⁴⁶ B, IV, op. cit., pp. 289-290.

completamente formados, havendo no fundo das órbitas somente umas películas brancas.

Levado junto ao túmulo de São Francisco de Sales e iniciada uma novena, no nono dia, ao tocar o sepulcro do Santo, Cláudio começou a gritar de alegria: “Meu Deus, eu vejo; parece-me estar no paraíso!”. A cura, de fato, foi total e definitiva¹⁴⁷.

Um menino de dez anos, Cláudio Julliard, da paróquia de Mieussy, nascera com alguma malformação; de fato, não podia caminhar.

Levado pela mãe diante do sepulcro de São Francisco de Sales, o pequeno Cláudio sentiu improvisamente a força e o vigor animar seus membros inferiores: ficou de pé e começou a caminhar. A graça da cura foi tão perfeita que o menino pôde percorrer grande parte da estrada de volta para casa, caminhando com as próprias pernas¹⁴⁸.

O Senhor de Viallon, conselheiro do duque da Saboia, tinha uma menina de nome Francisca. Com nove anos de idade, a pequena, brincando no jardim de casa, se afastou imprudentemente para colher flores e, por desgraça, escorregou, caindo na torrente que corria perto do jardim e se afogou. Depois de duas horas de busca, os que acorreram para ajudar encontraram seu corpo sem vida: jazia em meio à água gelada, com as pernas enrascadas na vegetação da margem. Foram chamados os médicos, mas não havia mais

¹⁴⁷ Ibid., p. 290.

¹⁴⁸ B, IV, op. cit., p. 291.

nada a fazer para salvá-la; só puderam certificar a morte da menina. A mãe, desolada, mas cheia de fé, rezou ao bem-aventurado Francisco de Sales para que lhe restituísse a filhinha. Enquanto a mãe rezava junto com outras mulheres, improvisamente a pequena abriu os olhos e se sentou...Não se pode imaginar o estupor e a admiração provocada por esse milagre: de morta, a menina tornara à vida!”¹⁴⁹.

No dia 11 de novembro de 1622, Francisco de Sales celebrou a missa na Visitação de Belley. Ao sair da igreja, encontrou a senhora De Roi que acompanhava sua filha de cinco ou seis anos.

O santo bispo espontaneamente se aproximou, acariciou a menina e, embora nunca a tivesse visto antes, para grande admiração da mãe, chamou-a pelo nome. Traçando uma cruz na testa da menina e voltando-se para a mãe, disse: “A senhora sabe o que estou fazendo? Estou assinalando a pequena Maria, para que, um dia, se torne uma filha da Visitação de Santa Maria, e então, será minha boa e querida filha”.

Estas palavras se verificaram ao pé da letra na vida daquela alma inocente: a partir desse momento, a menina cresceu em virtude e esperou com impaciência a hora de entrar para as religiosas de Santa Maria, onde se tornou uma verdadeira filha do santo fundador, como ele tinha predito¹⁵⁰.

¹⁴⁹ B, IV, op. cit., p. 292.

¹⁵⁰ AS, XI, p. 298.

Em 1648, Ana da Áustria salvou a vida de Luís XIV num caso desesperador de varíola, dando-lhe de beber água misturada com um pouco de sangue de São Francisco de Sales. O rei acenará a essa cura milagrosa numa carta enviada ao papa Alexandre VII em 19 de agosto de 1665¹⁵¹.

A verdadeira santidade

“Quando a gente do mundo vê uma pessoa devota, logo diz que é santa; se perguntarmos: por que é santa?

- Porque – a gente responderá – passa muito tempo na igreja, reza muitos terços e participa de muitas missas.

Isso tudo é bom, mas, por que é santa?

- Porque comunga com frequência.

Também isto é bom, mas deve haver algo mais; por que é santa?”

- Porque derrama muitas lágrimas na oração.

Isto é bom quando é dom de Deus, mas o que essa pessoa faz de especial para ser tão santa como dizem?

- Porque dá muitas esmolas.

Bem, tudo isso é coisa boa; entretanto, pergunto: ela tem humildade e pratica a caridade? De fato, se não fizer isso, tudo o mais pouco importa; as suas virtudes não passam de fantasias e não são verdadeiras e sólidas virtudes.

São Francisco de Sales, *Le Esortazioni*,
XXV, 16, op. cit., p. 22.

¹⁵¹ Arch. des Affaires étrangères, fonds France, vol. 164, p. 154. Le Couturier, Chaugy, I, c., 255, n. 2.

9

UM CORAÇÃO FEITO PARA UM AMOR ETERNO

Na quarta-feira de 28 de dezembro de 1622 apagava-se em Lião o bispo Francisco de Sales após uma trombose cerebral, com 56 anos de idade e 20 de episcopado.

Todos recordam suas últimas palavras que o santo bispo dirigiu à Madre Maria Amada de Blonay, sua filha predileta: “Adeus, minha filha, deixo-lhe o meu espírito e o meu coração”¹⁵². Tomando ao pé da letra este testamento espiritual, os cirurgiões que cuidavam do embalsamamento do corpo de São Francisco, extraíram seu coração e o entregaram às suas filhas espirituais que, com amorosa devoção, o guardaram em Lião até a Revolução Francesa¹⁵³.

Por muito tempo o coração do santo bispo se conservou vermelho e fresco, como se tivesse sido apenas extraído do corpo; junto com um líquido perfumado, emanava ele mesmo agradável odor. Embora a preciosa relíquia, em

¹⁵² Cf. *Fondation du premier monastère de la Visitation Sainte Matrie de Lyon, près de la place de Bellecour; par ma soeur de Saint Paul, professe de ce monstère*, 1696, pp. 180-181.

¹⁵³ O fato de retirar o coração de São Francisco, hoje, pode nos arrepiar... Todavia, este uso continuou sendo praticado na França até o fim do século XIX: o corpo era sepultado num lugar e o coração em outro. Deixar o próprio coração para determinado lugar tinha um forte significado: com esse “legado”, o falecido manifestava o liame afetivo que o unia àquele lugar (ou comunidade) que tinha amado de forma particular quando vivia.

seguida, tivesse sido posta num relicário de prata em forma de coração, não perdeu o perfume, nem a cor, nem parou de emanar o líquido de que ficou impregnado o pano que o envolvia.

Deus quis glorificar o coração de São Francisco de Sales com muitas curas milagrosas.

Aqui acenamos somente ao que é mais relevante do ponto de vista histórico. Em setembro de 1630, o rei da França, Luís XIII, gravemente doente de pleurite, em Lião, venerou e beijou com fé a relíquia do coração de Francisco e foi curado de forma instantânea. O duque Luís de Mercoeur, filho da duquesa de Vandôme e do príncipe Filipe Emanuel da Lorena, também foi curado milagrosamente ao contato com o coração de São Francisco de Sales. Diante desses eventos sobrenaturais, em 10 de julho de 1653, o bispo de Belley, delegado da Santa Sé para um primeiro reconhecimento oficial da relíquia, junto com alguns sacerdotes, foi a Bellecour e encontrou o coração de São Francisco no estado de conservação de que foi feita em seguida uma descrição.

No dia 8 de junho de 1658, D. Henrique de Maupas, bispo de Puy, delegado do papa Alexandre VII, realizou outra visita oficial ao mosteiro onde se guardava a relíquia e a encontrou no mesmo estado e com o mesmo perfume das vezes anteriores. Por ordem papal, a relíquia foi encerrada a chave num cofre de ébano e ali permaneceu até a beatificação de Francisco de Sales.

No dia 28 de dezembro de 1661 foi celebrada em Roma a beatificação do santo bispo e a relíquia foi exposta à veneração dos fiéis, depois que o bispo Maupas constatou que o coração de Francisco se conservava intacto e que

exalava o mesmo agradável perfume de quando fora encerrado a chave no seu cofre. A conservação deste coração, que tanto amou a Deus e aos irmãos, foi considerada verdadeiro milagre. O fato foi confirmado solenemente por uma testemunha privilegiada, a Madre Marta Seráfica de Ponsein, que foi superiora da comunidade por 34 anos e assistiu a diversos exames e inspeções oficiais da relíquia. Num manuscrito datado de 18 de fevereiro de 1696, a Madre certificou que o coração do santo fundador não tinha sofrido nenhum tipo de alteração e que conservara a beleza e a cor natural, exalando um perfume agradabilíssimo¹⁵⁴.

Para se salvarem da perseguição religiosa da Revolução Francesa, as monjas de Bellecour tiveram que fugir da França e encontrar refúgio em Mântua em 1793, levando consigo, com o risco da própria vida, a preciosa relíquia do coração de São Francisco de Sales. Alguns anos depois, também Mântua não era mais um lugar seguro e as monjas partiram para vários exílios, na Boêmia e em Viena, antes de se estabelecerem por mais de um século em Veneza. No dia 30 de outubro de 1897, foi oferecido um novo relicário para guardar o coração de São Francisco de Sales.

Nessa oportunidade, fez-se um novo exame e se constatou que o coração tinha conservado tanto a cor vermelha, quanto o líquido perfumado que dele emanava. Em 1913 a comunidade deixou Veneza por Treviso, graças a tratativas conduzidas pelo papa Pio X. Em 12 de fevereiro de 1915, o bispo de Treviso, o beato André Jacinto Longhin (1904-1936), escreveu: “Certamente não diremos que o tempo não deixou na venerada relíquia suas consequências. Entretanto, podemos afirmar que, apesar da ação prejudicial de qua-

¹⁵⁴ Cf. *Archivio del monastero della Visitazione di Treviso*, storia, busta 2.

se trezentos anos, a relíquia se conserva ainda hoje na sua integridade substancial, com aspectos que não duvidamos em definir prodigiosos”.

Durante a primeira guerra mundial, Treviso foi bombardeada e as visitandinas, carregando consigo a preciosa relíquia, tiveram que buscar refúgio em outros mosteiros da Ordem: Pistoia, Gênova... No dia 4 de novembro de 1918, terminada a guerra, as monjas voltaram com a relíquia para seu mosteiro de Treviso e tiveram que restaurar a igreja por causa dos danos causados pela guerra.

Não podemos concluir este percurso histórico através de quase quatro séculos de existência da Comunidade da Ordem da Visitação de Bellecour sem lembrar os últimos acontecimentos em relação à relíquia do coração do seu santo fundador. Na primavera de 1952 foi preciso abrir o relicário para limpar o vidro interno, pois estava ficando opaco. Os que tiraram o coração da teca afirmaram que o coração do Santo era mole e que o pano branco que o envolvia estava úmido e perfumado. Em agosto de 1953, o coração foi submetido a análises científicas de médicos, entre os quais o Dr. Menenio Bortolozzi, responsável pela anatomopatologia do hospital de Treviso. Este especialista, depois de atenta análise do tecido do miocárdio, escreve: “É preciso admitir que o estado de conservação da relíquia, embora parcialmente reduzida a cinzas, é algo fora do normal”. D. Antônio Mistrorigo, bispo de Treviso, fez o reconhecimento da teca e assegurou a conservação do coração de São Francisco de Sales, conforme atesta um documento assinado no dia 6 de dezembro de 1967¹⁵⁵.

¹⁵⁵ Cf. Fernández Rodríguez P., *Il cuore di San Francesco di Sales nel monastero della Visitazione di Treviso*, Ed. GMV Libri, Villorba (Treviso) 2002, pp. 13-53.

CONCLUSÃO

Com a sua vida e os seus escritos, São Francisco de Sales nunca deixou de falar do coração do homem e do coração de Deus. Para ele, o coração é o homem todo: pensamentos e sentimentos, sem ter medo da afetividade, que põe em movimento a vontade.

Daqui a convicção de Francisco: “Quem venceu o coração do homem, venceu o homem todo”¹⁵⁶. O coração, que é “sede e fonte do amor”¹⁵⁷, diz também quem é o homem e o que ele vale realmente: “Quanto vale o coração, tanto vale o homem”, dizia em poucas palavras São Francisco¹⁵⁸. De fato, o homem vale o que vale o seu amor, e o seu amor vale o que vale o seu coração.

O coração humano, segundo São Francisco de Sales, deveria buscar uma só coisa: unir-se com o amor de Deus e fundir-se com a sua vontade, até formar um só coração com Ele. O santo bispo dizia: “Não devemos ter outro coração senão o de Deus, outra vontade senão a sua, outros afetos senão os seus, outros desejos senão os seus desejos: isto é, devemos ser uma coisa só com Ele”.

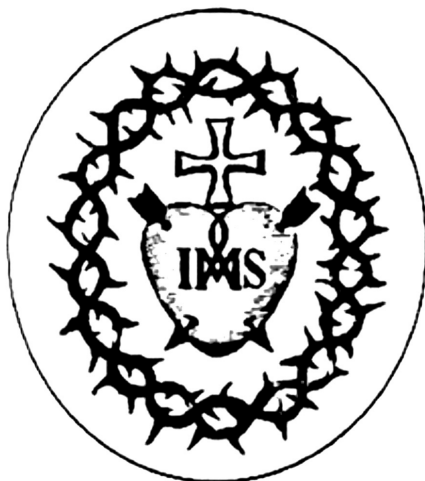
O constante ensinamento de Francisco, que pode ser resumido numa amorosa atração em relação ao Coração de Jesus, é o terreno fértil no qual se enraizará a espiritualidade do Sagrado Coração, que Santa Margarida Maria Alacoque – monja da Visitação de Paray Le Monial – viverá, 50 anos

¹⁵⁶ Cf. Oração de São Francisco, em *Tratado do amor de Deus*, VII, 8.

¹⁵⁷ *Tratado do amor de Deus*, I, 10.

¹⁵⁸ Cf. *O*, IX, p. 250.

depois, com a missão que ela receberá do próprio Coração Sacratíssimo. Assim, Jesus veio confirmar o ensinamento do seu “Doutor do amor e da doçura evangélica”¹⁵⁹.



O brasão da Visitação, dado pelo próprio São Francisco de Sales, se compõe de um coração (o da monja visitandina), transpassado por duas flechas (amor de Deus e amor do próximo), e das três letras: IHS (monograma de Jesus); sobre a letra H se sobrepõe M e A (monograma de Maria).

¹⁵⁹ Segundo a expressão usada por Paulo VI, em 1967, na Carta Apostólica *Sabaudiae Gemma*, AAS 59 (1967).

DATAS HISTÓRICAS DA VIDA DE SÃO FRANCISCO DE SALES

21 de agosto de 1567: Francisco nasce em Thorens (antigo ducado da Saboia).

1573-1575: estuda no Colégio de La Roche.

1575-1578: estuda no Colégio Chapuisiano de Annecy.

1578: recebe a tonsura das mãos do bispo Justiniani.

Setembro de 1578: entra para o Colégio de Clermont em Paris: estuda letras, filosofia, teologia. Aqui atravessa também uma profunda crise espiritual.

Dezembro de 1588: Francisco em Pádua: estuda jurisprudência e teologia.

Setembro de 1591: forma-se doutor *in utroque iure* (direito civil e direito canônico).

1592: o duque da Saboia manda a Francisco as “Cartas Patentes” para nomeá-lo Senador da Saboia. Francisco renuncia: sente que a vontade de Deus o chama para servir na Igreja.

Maio de 1593: Francisco é nomeado Presidente do Cabido dos Cônegos da catedral de Genebra.

18 de dezembro de 1593: é ordenado sacerdote por D. Cláudio de Granier, Bispo de Genebra.

1594-1598: evangeliza a região do Chablais, que se tornará de maioria protestante.

No fim de 1598: encontra-se com o papa Clemente VIII em Roma.

1602: segunda viagem de Francisco a Paris.

8 de dezembro de 1602: é ordenado bispo em Thorens.

Março de 1604: em Dijon encontra pela primeira vez a baronesa de Chantal.

4 de junho de 1607: anuncia à baronesa seu projeto da Visitação.

1608: publica seu livro “Filoteia – Introdução à vida devota”.

6 de junho de 1610: fundação da Visitação Santa Maria.

1616: publica seu “Tratado do Amor de Deus”.

1618: a Visitação Santa Maria é oficialmente reconhecida como Ordem Religiosa.

1618-1619: terceira e última viagem e permanência de Francisco em Paris.

Junho de 1622: Francisco visita pela última vez a corte dos duques da Saboia em Turim.

28 de dezembro de 1622: morre em Lião (França).

28 de dezembro de 1661: Beatificação de Francisco pelo papa Alexandre VII.

19 de abril de 1665: Canonização pelo mesmo sumo pontífice.

16 de novembro de 1877: São Francisco de Sales é proclamado “Doutor da Igreja” pelo papa Pio IX.

26 de janeiro de 1923: é declarado “Patrono dos escritores e dos jornalistas católicos”.

SOBRE O AUTOR

GILLES JEANGUENIN, laureado em teologia pela Universidade de Friburgo, é sacerdote da diocese de Albenga-Imperia (Itália), onde exerce oficialmente o ministério de exorcista. Especializado em demonologia e psicopatologia clínica, é membro da Associação Internacional dos Exorcistas e oblato secular de São Bento. Colabora com o secretariado diocesano para a formação ao diaconato permanente. É autor de diversos livros publicados na Itália e no exterior.

